

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - IH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

BIANCA AFFONSO NEIVA

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE CATALÃO (GO) E SUAS
TRANSFORMAÇÕES PANORÂMICAS À PARTIR DA DÉCADA DE 70.**

Brasília

2013

BIANCA AFFONSO NEIVA

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE CATALÃO (GO) E SUAS
TRANSFORMAÇÕES PANORÂMICAS À PARTIR DA DÉCADA DE 70.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Geografia da Universidade de Brasília –
UnB, como requisito para a obtenção do título de
Bacharel e Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo
Sobrinho.

Brasília

2013

BIANCA AFFONSO NEIVA

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE CATALÃO (GO) E SUAS
TRANSFORMAÇÕES PANORÂMICAS À PARTIR DA DÉCADA DE 70.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Geografia da Universidade de
Brasília – UnB, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel e Licenciada em
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo
Sobrinho.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho (orientador)

Prof. Dr. Everaldo Batista Costa

Prof.^a Dra. Marli Sales

Brasília, 02 de fevereiro de 2013.

À minha família, pela criação e convivência.
Aos meus amigos, pelo apoio, incentivo e carinho.

AGRADECIMENTOS

A todos que, de certa forma contribuíram e auxiliaram neste trabalho, e, principalmente ao meu orientador Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho pela orientação e paciência.

Aos meus queridos ex-professores do CAC/UFG, Valdivino de Borges Lima, João Donizete Lima, Estevane de Paula Pontes Mendes, Laurindo Elias Pedrosa e Paulo Henrique Kingma de Orlandopelas sugestões, informações e colaboração na coleta de referências para este trabalho.

Aos funcionários da biblioteca do CAC/UFG pela paciência e prestação de auxílio na busca referencial.

Às minhas amigas de coração e ex-colegas de curso, Crislane Calixto Pereira e Gislene da Silva Fonseca, pela amizade, sugestões, conselhos e pela ajuda na busca incansável de materiais e fotos para a monografia.

Aos demais ex-colegas e professores do curso de Geografia do CAC/UFG, pelo companheirismo e dedicação para meu crescimento intelectual e pessoal, nos anos que lá estive.

Aos colegas, professores e funcionários do curso de Geografia da UnB que me receberam na universidade, pela presteza e paciência aos anos que aqui estive terminando meu curso.

Ao meu noivo, Leonardo Leal Bicudo, pela ajuda com a digitação, digitalização de referências e tradução do resumo, além da paciência e carinho de sempre.

À Universidade Federal de Goiás e à Universidade de Brasília, pela oportunidade de realização do meu curso, acolhimento e formação.

Muito obrigada, de coração, à todos!

“O conhecer geográfico não se limita apenas à interpretação de mapas, e sim à ampliação dos horizontes e com eles a descoberta das inúmeras saídas para a liberdade.”

Giovanni Seabra

RESUMO

A Cidade de Catalão cresceu de forma assustadoramente rápida em termos de expansão urbana, índice demográfico e atividades produtivas, à partir de momentos marcantes, dos quais podem-se citar aqui os três principais: a chegada das ferrovias em um primeiro momento, a criação das rodovias em um segundo momento, e a instalação das mineradoras como sendo o terceiro e principal momento, a partir da década de 1970. Nestes intervalos, a cidade passou por diversas transformações em seu espaço urbano diante do avanço industrial minero-químico, avanço produtivo e tecnológico na agropecuária, e estrondoso crescimento econômico; fatores que influenciaram na migração e no crescimento populacional para o município, e que tornaram a cidade a quinta melhor economia do Estado de Goiás e destaque regional no sudeste goiano. Em contrapartida, Catalão teve um crescimento desorganizado e demanda por infraestrutura insuficiente que acompanhasse tal expansão, contribuindo para gerar problemas urbanos tais como a segregação espacial, a ocupação desordenada do solo urbano, a especulação imobiliária, a desvalorização das comunidades rurais, além de diversos problemas ambientais. Toda essa problemática surgida, atualmente faz parte das discussões sobre as perspectivas futuras, como sendo o resgate à qualidade de vida, à participação popular na tomada de decisões na gestão pública, à cidadania e à um melhor planejamento urbano e mecanismos de controle ambiental, para que tanto o crescimento econômico quanto as demandas sociais sejam beneficiados. Com isso, busca-se analisar de que forma ocorreram as transformações do espaço urbano de Catalão à partir de 1970, década principal e marcante de seu desenvolvimento, partindo de um levantamento histórico e geográfico de seus antecedentes à essa época.

Palavras-chaves: Espaço urbano, Crescimento populacional, Expansão urbana, e Cidade.

ABSTRACT

The Catalão city has grown alarmingly in terms of rapid urban expansion, demographic index and production activities, from the moments of which we can mention here the top three: the arrival of the railroads in the first instance, the creation of highways in a second time, and the installation of mining as the third and main point, from the 1970s. In these intervals, the city has gone through several transformations in urban space before the advancing mining and industrial chemical production and technological advancement in agriculture, economic growth and booming; factors influencing migration and population growth for the city, and that became the city's fifth best economy of the state of Goiás and regional prominence in southeast Goiás. In contrast, Catalão grew disorganized and insufficient demand for infrastructure that accompany such expansion, contributing to generate urban problems such as spatial segregation, disorderly occupation of urban land, land speculation, devaluation of rural communities, and many problems environmental. This whole issue arose, now part of the discussions on future perspectives, as the ransom to quality of life, public participation in decision-tamed in public management, citizenship and a better urban planning and environmental control mechanisms for that both economic growth as social demands are benefited. With this, we seek to examine how the transformations of the urban space of Catalão from 1970, the main and striking of its development, based on a survey of historic and geographic background at that time.

Keywords: Urbanspace, populationgrowth, urban expansion, and City.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Fotografia de uma das primeiras charqueadas, de Pedro Braga.....	26
Figura 02 - Vista do Morro da Saudade Fotografia de Catalão do ano de 1892.....	34
Figura 03 - Uma das primeiras casas bancárias de Catalão fundadas por sírios.....	36
Figura 04 - Fotografia da residência da família Fayad.....	36
Figura 05 - Registro fotográfico da inauguração da Estrada de Ferro, em 1913.....	38
Figura 06 - Imagem das primeiras indústrias da década de 1900, da Família Margon.....	39
Figura 07 - Vista Aérea do Complexo Mineral Catalão/Ouvidor (GO) – 2003.....	43
Figura 08 - Fotografia aérea de Catalão na primeira década de 2000.....	48
Figura 09 - Malha ferroviária de Catalão, que corta a cidade paralelamente ao Ribeirão Pirapitinga.....	50
Figura 10 - Fotografia da indústria montadora Mitsubishi Motors em Catalão.....	52
Figura 11-Vista aérea da Usina de Serra do Facão.....	56
Figura 12 - Morro de São João.....	59
Figura 13 - Morro das Três Cruzes.....	59
Figura 14 - Gráficos comparativos do PIB do município, segundo as atividades econômicas.....	60
Figura 15 - Fotografia da Avenida Maria Raulina, Centro.....	65
Figura 16 - Obras de canalização do alto/médio curso, dentro da área urbana, do Ribeirão Pirapitinga.....	65
Figura 17 - Primeira Rodoviária de Catalão, demolida em 1960.....	68

Figura 18-Segunda rodoviária, funcionou no Morro das Três Cruzes nas décadas de 70 à 90.....	68
Figura 19- <i>Rua do Comércio (hoje 20 de Agosto), em 1935</i>	69
Figura 20-Avenida 20 de Agosto por volta de década de 20.....	69
Figura 21- Praça Getúlio Vargas na década de 20.....	70
Figura 22-Praça Getúlio Vargas na década de 80.....	70
Figura 23-Praça Getúlio Vargas hoje.....	71
Figura 24-Avenida 20 de Agosto ao final da década de 80.....	72
Figura 25 -Mansão da Família Fayad, hoje pertencente ao prefeito Jaridel Sebba.	73
Figura 26 - Avenida 20 de Agosto, antiga Rua do Comércio, onde situavam-se as residências das figuras políticas influentes no século 20.....	73
Figura 27 - Avenida 20 de Agosto por volta de 1910.....	75
Figuras 28 e 29 -Comparativo do trecho da mesma avenida (rua dos coronéis), 20 de Agosto, da década de 50, e em 2013, respectivamente.....	76
Figura 30 -Antigas residências restauradas. A primeira pertenceu à Família Netto, e a segunda, à Bernardo Guimarães.....	76
Figura 31 - Uma das avenidas que dão acesso ao Morro de São João. Nota-se o asfalto mais novo desgastado, expondo partes dos paralelepípedos daí não retirados, da década de 60.....	77
Figuras 32 e 33 - À esquerda, a primeira Estação Ferroviária, datada de 1913; e à direita a mesma na década de 70, depois de sua edificação de 1940.....	78
Figura 34 -Estação ferroviária hoje, revitalizada.....	79
Figura 35 - Momento no qual o trem se desloca nos trilhos, atravessando paralelamente a cidade.....	80
Figura 36 - Exemplo de um dos vagões, deslocando minérios, ao qual pode ler “fca”, indicando a empresa Ferrovias Centro-Atlântica.....	80

Figuras 37 e 38 - À esquerda, o Catalão Shopping; e à direita a Avenida Lamartine.....**84**

Figuras 39 e 40 - À esquerda, Avenida Raulina e o nível de água do Ribeirão Pirapitinga, subindo; e à direita, uma das ruas residências do Centro, beirando os trilhos.....**85**

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Mapa da localização dos minérios do Complexo Mineral Catalão/Ouvidor (GO).....	42
Mapa 02 - Expansão urbana do município de Catalão entre 1977 e 2001.....	48
Mapa 03 - Localização das Usinas Hidrelétricas no Sudeste Goiano.....	55
Mapa 04 - Microrregião de Catalão - Sudeste Goiano e seus demais municípios....	58
Mapa 05 - O processo de ocupação do espaço urbano de Catalão entre 1973 e 2005.....	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 HISTÓRICO DE FORMAÇÃO TERRITORIAL E URBANA DE CATALÃO	17
1.1 <i>Antecedentes históricos de origem</i>	17
1.2 <i>Ocupação territorial: As primeiras atividades comerciais e os primeiros habitantes</i>	21
1.3 <i>Violência x progresso que marcaram a história</i>	29
2 INSERÇÃO REGIONAL E AS TRANSFORMAÇÕES RECENTES	41
2.1 <i>Transformações no cenário urbano à partir de 1970</i>	41
2.2 <i>Fatores de destaque do município na região Sudeste goiana</i>	49
2.3 <i>As características gerais do Catalão de hoje</i>	57
3 PERSPECTIVAS DA ATUALIDADE NO CENÁRIO REGIONAL E NO URBANO EM CATALÃO	67
3.1 <i>O processo de refuncionalização como dinamizador da reestruturação urbana</i>	67
3.2 <i>Pensando as trajetórias futuras</i>	81
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
5 REFERÊNCIAS	90
6 ANEXOS	93

INTRODUÇÃO

Segundo Lima (2003), “ao longo da história da urbanização brasileira o país passou por vários ciclos e subciclos econômicos, destacando-se a mineração e as atividades agrícolas. O garimpo do ouro e pedras preciosas, as atividades agrícolas paralelas ou concomitantes a este, o comércio de produtos não agrícolas nestes locais, a abertura de vias de transportes para a integração do território entre outros, foram fatores importantíssimos para a formação e configuração da rede urbana brasileira. No Estado de Goiás isto não foi diferente.”

Assim ocorre a produção do espaço urbano da cidade de Catalão, surgindo de início apenas como trajeto de bandeirantes entre as áreas de garimpo, ao desenvolvimento urbano e destaque regional de crescimento econômico, populacional e espacial, fatores esses resultantes do processo histórico pelo qual passou a cidade, até a sua configuração nos dias atuais.

Em meio às transformações e ao crescimento pelos quais passou o município, a dinâmica das atividades produtivas, a segregação espacial decorrente da má gestão de uso do solo urbano, o crescimento populacional e a refuncionalização na estrutura da cidade, torna-se necessário um estudo pormenorizado dessas mudanças, de como elas ocorreram e o impacto que elas causaram, levando em consideração o ápice delas, que marcam os momentos transitórios e os fatores históricos, no espaço e no tempo. Neste caso, seriam, as transformações no espaço urbano de Catalão, à partir da década de 1970.

O interesse pelo tema surgiu em 2009, de diálogos com o professor Valdivino Borges de Lima (UFG/CAC), quando eu cursava Geografia em Catalão e fui monitora dele das disciplinas “Formação Sócio-Espacial” e “Formação do Território e do Povo Brasileiro”, e houve momentos em que conversávamos sobre Geografia Urbana, um interesse nosso em comum pela reestruturação das cidades. Foi então que o mesmo me contou sobre um projeto interessante que tinha, de catalogar fotos da cidade de Catalão para analisar o contraste entre “o velho e o novo” convivendo juntos no espaço urbano, que tinha o nome de refuncionalização, palavra até então desconhecida por mim.

Interessei-me muito pela proposta dele e fui convidada a participar de seu projeto, porém, pelo meu retorno à Brasília no ano seguinte, isso foi deixado de lado. Até que, um dia, eu tendo que definir um tema para a monografia e não tinha ideia

do que queria de fato, o professor Fernando Luiz Araújo Sobrinho, me perguntando minhas áreas de interesse, perguntou: “Por que você não escreve sobre Catalão?”. E na hora eu lembrei que seria uma boa oportunidade para de alguma forma eu colocar em prática meu interesse pelo assunto.

Dessa maneira, o presente trabalho visa, pela leitura do recorte histórico de formação da cidade de Catalão, auferir, de que maneira e através de sua inserção regional, ocorreram as transformações na estrutura urbana de Catalão desde a década de 70, até os dias atuais.

O objetivo geral que busca-se atingir, com este trabalho é analisar de que forma ocorreram as transformações do espaço urbano de Catalão à partir de 1970, década principal e marcante de seu desenvolvimento, partindo de um levantamento histórico e geográfico de seus antecedentes à essa época.

Dentre os objetivos específicos, estão: relatar o surgimento da cidade através dos principais fatos que contribuíram para o seu desenvolvimento urbano, investigar os fatores que tornaram Catalão um município de destaque no Sudeste Goiano e analisar as transformações panorâmicas a partir da década de 70 e compreender as perspectivas da região na atualidade.

Para o desenvolvimento da pesquisa, adotou-se a metodologia qualitativa, responsável pelo fornecimento de subsídios para alcançar os objetivos propostos, pois possui caráter exploratório que estabelece um vínculo investigativo entre a teoria e a prática, contextualizando o pesquisador, através da interpretação das fontes de pesquisa.

Quanto à isso, o caminho metodológico foi constituído de um levantamento bibliográfico sobre o tema, tendo à partir daí artigos, dissertações, teses e livros, sobre Catalão que compõem o referencial teórico; pesquisa de campo, onde foram catalogados os registros fotográficos, além da organização, sistematização e análise das informações coletadas para a formulação do trabalho em si, e em especial dos capítulos, divididos da seguinte forma:

No primeiro capítulo, “Histórico de formação territorial e urbana de Catalão”, a ideia inicial é falar sobre o surgimento da cidade de Catalão, como a cidade se desenvolveu e quais eras suas funções iniciais. Para tanto, tem-se comoreferências, Campos (1976), Ramos (1984), Democh (2009), Lima (2003), Gomez e Chaul

(1994), e Chaud (2000), relatando os fatos históricos do surgimento de Catalão, como povoado, arraial, vila e por fim, cidade. Os autores fazem uma análise e narração da entrada dos bandeirantes, da ocupação local, das atividades produzidas para subsistência, dos primeiros habitantes, da queda da monarquia e instauração da República que trouxe consigo o coronelismo e a violência que marcaram o lugar durante anos; e do crescimento econômico e populacional que o município teve em função da chegada das ferrovias e mais adiante, as rodovias.

No segundo capítulo, “Inserção regional e as transformações recentes”, tendo como referência os mesmos autores acima, bem como Pedrosa (2005) comentando sobre o a formação do Distrito Mineral Industrial e a produção agropecuária; Cunha e Silva (2007) relatando os modelos de hipóteses do planejamento urbano para as cidades em geral; Silva (2002) explicando a instalação da empresa montadora *Mitsubishi*; Harvey (1994) falando da quebra das barreiras espaciais para facilitar a produção; Oliveira *et al* (2008) comentando a formação da rede urbana para a circulação e a produção; Ribeiro (2011) fazendo uma comparação entre o crescimento populacional de Catalão e demais cidades goianas entre 2000 e 2010, enfatizando o crescimento econômico pelas atividades produtivas. A proposta do capítulo é mostrar como o município se destacou diante das outras cidades do sudeste goiano e quais foram os fatores para sua expansão e crescimento. Para isso, analisa-se as transformações no espaço urbano à partir de 1970, marcante pela chegada das empresas mineradoras, que trouxeram consigo o “boom” populacional. Além delas como fatores de crescimento, tem-se a construção de Brasília, Goiânia, da BR-050 que foi o principal fator de alocação das indústrias mineradoras pela vantagem que Catalão apresentava de se localizar na rota entre Brasília e São Paulo. São também analisados os fatores de crescimento populacional, ferrovias, rodovias, instalação da montadora *Mitsubishi*, maquinação da agricultura, dentre outros, por serem responsáveis pelo destaque regional do município no sudeste Goiano.

Ainda, e não menos importante, através de dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, dados geográficos de Campos (1976), dados climáticos de Pedrosa (2005), características da agropecuária e demais atividades econômicas por Ribeiro (2011), são definidas as características gerais da cidade. Lambert (2007) analisa a problemática da desvalorização das comunidades rurais

em prol da produção patronal; Corrêa (1993) discorre sobre o uso do solo no espaço urbano pelas atividades produtivas que o dinamizam; Cunha e Silva (2007), assim como Harvey (1994) ressaltam a heterogeneidade encontrada no meio urbano e a sua importância. Por fim, Cunha e Silva (2007), Harvey (1994), Corrêa (1993) Martins (2007), Ribeiro (2011), Borges (2007) e IPEA (2010/2011), cada qual com sua interpretação e ideias, ajudam a entender, analisar e explicar os problemas urbanos, oriundos da expansão urbana desmedida.

O terceiro e último capítulo, "Perspectivas da atualidade no cenário regional e no urbano em Catalão", visa compreender o fenômeno da refuncionalização na cidade de Catalão, levando em consideração os benefícios e malefícios desta, através de autores como Lima (2003), Corrêa (1993), Martins (2007), Borges (2007), Democh (2009), Ribeiro (2011) e Harvey (1994); assim como as trajetórias futuras - onde foram trabalhados como referencial, autores como Neto (2013), indagando sobre a posição dos gestores públicos; Bueno (2007), tratando-se da problemática sobre a especulação imobiliária; Stacciariniet al (2013) denunciando os problemas urbanos; e Corrêa (1993), constatando que o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado - partindo do pressuposto que a cidade cresce em produtividade e em termos econômicos, mas em contrapartida estes crescimentos não visam às demandas sociais, além de agravar os problemas urbanos. Dessa forma, pensando as perspectivas atuais como sendo o resgate da qualidade de vida, da cidadania, da participação social, do melhor planejamento e do controle ambiental, dentre outros que remetem-se ao direito pela cidade de acordo com IPEA (2010/2011), para que as relações de produção e as relações sociais possam ser igualmente atendidas e para que haja diminuição e solução para os problemas urbanos.

1 Histórico de formação territorial e urbana de Catalão.

1.1 Antecedentes históricos de origem

A história do surgimento de Catalão está ligada ao mesmo processo de formação de cidades goianas, que no século XVIII, tiveram início como diversos lugarejos decorrentes dos garimpos de ouro. Entretanto, diferentemente das cidades que surgiram desses garimpos, originárias do chamado “primeiro povoamento”, o mesmo não podemos dizer de Catalão, que durante as entradas das bandeiras foi somente local de passagem destas, visto que ouro não havia ali.

Assim sendo, como as distâncias entre os garimpos instalados eram longas, as missões bandeirantes em suas viagens se acomodavam nos caminhos para descanso. E foi em uma dessas acomodações que a Comitiva de Bartolomeu Bueno da Silva Filho, conhecido como o Anhanguera II, percorreu mais uma vez a região, com o objetivo de escravizar indígenas, como descreve Campos (1976, p. 31):

Em 3 de julho de 1722 saiu de São Paulo, Bartolomeu Bueno da Silva com destino a região onde se localizavam os índios “Guayazes” a fim de escravizá-los e arrancar riquezas da terra. A comitiva de 190 homens, mais ou menos, foi organizada pelo governador de São Paulo D. Rodrigo César de Menezes. [...] a tropa se compunha de portugueses, paulistas, um baiano e a maior parte era gente de cor e índios, [...] o historiador da bandeira, o frei Antônio da Conceição.

Bartolomeu Filho, em 1682, com 12 anos, realizou essa mesma viagem com seu pai, o Anhanguera, apelido que recebeu dos índios por ter queimado aguardente na frente destes, dizendo poder queimar as águas dos rios, no intuito deles lhe mostrarem o local onde havia ouro.

Ramos (1984) descreve o caminho percorrido pelos bandeirantes, onde devem ter seguido para a localização de Araguari. Bueno Filho ia orientando-se pela eminência dos montes, entre os quais se achava o “Morrinho de São João”. Marcaram o rumo do morrinho, que avistaram desde Minas Gerais e foram em direção às margens do Rio Paranaíba, que o escriba da bandeira denominou de “Meia-Ponte”. Tocaram no local conhecido por Porto Velho, onde o rio oferecia melhores condições para se atravessar, depois, o Porto de Lalau, onde deixaram uma cruz como marco na localidade da “Fazenda dos Casados”, nas bordas do Ribeirão Ouvidor, que se encontra onde hoje é a cidade de Ouvidor,

[...] para marcar o rumo onde o Paranaíba era mais manso, cravaram ali uma cruz de madeira, cruz que ficou sendo conhecida como CRUZ DO ANAHANGUERA e hoje se encontra na cidade de Goiás. (RAMOS, 1984, p.31).

No local, foi celebrada uma missa pelo frei Antônio da Conceição, dando continuidade à missão logo após, tomando o rumo do Morrinho de São João. Quando chegaram próximo ao Córrego do Almoço, fundaram uma estalagem, que serviria como ponto de referência e abastecimento àqueles que trafegassem entre São Paulo e Goiás.

Estes fatos, narrados por diversos historiadores e pesquisadores são passados de gerações em gerações como tradição do município. Porém, entre eles, há controvérsias quanto às passagens da história, além daqueles que divergem em fatos e datas dos acontecimentos, explicados pela falta de documentação existente à época que comprove a veracidade de algumas passagens.

Ainda segundo RAMOS (1984), da Comitiva dos bandeirantes fazia parte um espanhol originário da Catalunha, apelidado de Catalão, de quem nunca souberam o nome, que pode ter sido um dos responsáveis pela fundação do “Sítio do Catalão”:

A tradição, nos assegura, ter sido fundador um simples acompanhante da “bandeira” de Bueno Filho; um espanhol ou descendente de espanhol de origem catalã e apelidado por CATALÃO, o verdadeiro fundador de nossa secular comunidade, o qual, após atravessar o rio Paranaíba, deixou a “Bandeira” e aqui ficou com outros companheiros, inclusive o frei Antônio com a finalidade de construir uma estalagem, um ponto de apoio e referência aos futuros exploradores que trafegassem entre São Paulo e Goiás. (RAMOS, 1884, p.21).

Campos (1976, p. 35), acredita que o sacerdote português Frei Antônio da Conceição possa ter sido o fundador e que o mesmo, no momento da concretização da estalagem possa ter ficado com o intuito de “plantar roças”, onde após ter atravessado o rio Paranaíba, abandonou a bandeira próximo ao córrego do Almoço. Acompanhado de mais três companheiros, se dedicaram ao plantio de arroz e feijão para reabastecimento da bandeira a sua volta. A autora acredita, ainda, que o espanhol poderia ser o próprio frei,

[...] bandeirante que deixando a bandeira do Anhanguera fundou um pouso na região onde hoje é a cidade de Catalão, a sul do estado de Goiás (CAMPOS, 1976, p. 35)

Democh (2009), em estudos mais recentes em busca de documentações que comprovem os fatos históricos de Catalão, afirma que existem documentos de 1936 que constam que um espanhol da comitiva de Anhanguera desgarrou-se de todos e

deslumbrado pela região ficou e criou um povoado. Há ainda, relatos de que judeus fugidos da região de Catalunha, Europa, na época da inquisição, vieram parar na Argentina e que de lá, com medo de perseguições, teriam interiorizado e se juntado às comitivas, tornado-se cristãos com medo de serem entregues e que com o tempo se sentiram seguros e foram abandonando as comitivas. Assim, por meio deles, a região foi chamada por tempo de terras de Catalão, popularizando o nome espanhol. Por lá ficaram, dizendo que a região tinha características de sua amada terra Catalunha.

Percebem-se conflitos entre os relatos dos autores:

Para Democh (2009), não existem documentações nem provas suficientes da passagem do anhanguera pela região, o que se acredita são relatos de que um bandeirante passou pela região e lá deixou uma cruz, ato tradicional dos bandeirantes para indicar que eram cristãos. Mas não há certeza de sua permanência ou que o mesmo tenha deixado uma povoação (DEMOCH, 2009, p. 11). Diz-se apenas que ele chegou pela região de Porto Velho, hoje conhecida como Lalau (Paranaíba).

O autor conta, ainda, que a falta de documentação sobre a ocupação da região de Catalão, principalmente até meados de 1820, é oriunda da falta de interesse que a Coroa portuguesa tinha em guardar documentos que não registrassem as regiões mineradoras em detalhes. Pela falta de obrigatoriedade em manter esses documentos, muito da história se perdeu, sendo Catalão prejudicado mais ainda, já que superficialmente não possuía riquezas minerais.

Além desses fatos, tem-se também, o fato do povoamento dos judeus pelo mundo, onde estes levaram consigo documentações para regatar e manter sua história e cultura, após a Segunda Guerra Mundial.

Ainda assim, dentre os fatos oriundos da época, Ramos (1984) defende o único fato anterior a 1810, como sendo a passagem do Anhanguera:

O único fato anterior a 1810, que pode figurar como verídico nos anais de nossa história [...] é a passagem do aventureiro paulista - Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, por este lugar em demanda do interior da então capitania de Goiás, o qual abriu o Porto Velho, deixando três léguas aquém do rio Paranaíba, nas proximidades do ribeirão Ouvidor, um marco que ainda existe, como atestado de sua passagem. Foi em 1810 que o terreno que ocupa esta cidade, que então pertencia à Sesmaria do Ribeirão, foi por Antônio Manoel doado à Nossa Senhora Mãe de Deus que passou a ser a padroeira da localidade em formação. (RAMOS, 1984, p.24)

Sobre a fundação do povoado, Campos (1976, p.35) acredita que pode ter ocorrido em meados de julho de 1728, e defende que documentos históricos provam que o povoado de Catalão existia anteriormente a 1736, com fatos que ocorreram, nesta data, quando o Conde de Sarzedas veio a Goiás para cumprir ordens do governador da capitania de São Paulo, cujo a capitania pertencia ao território goiano. Ao passar pelo povoado onde seu capitão foi assassinado “por um tal Domingos do Prado”. Foi nessa ocasião que o governador entregou a Bernardo Fernando Guimarães o remnantante dos direitos da cobrança para as minas de Goiás. A autora argumenta que Goiás desmembrou-se da capitania de São Paulo em 1748, vindo a se emancipar como Capitania de Goiás, onde sua capital ficou sendo, então, a cidade de Santa Cruz. Nesse período Catalão já devia ser um povoado freqüentado por bandeirantes e outros viajantes.

Democh (2009), diferentemente dos demais autores, afirma: “Tudo o que se sabe é que a região foi elevada em vila em 1859, da lei de primeiro de abril de 1833, que eleva o arraial do Catalão à Vila de Catalão”, dizendo ser impossível uma povoação anterior à esta data, já que a coroa portuguesa não criava povoados onde não houvessem riquezas comprovadas e lucros e que o plantio de roças na região não interessava à coroa, visto que a fartura da caça e pesca já era suficiente. O que pode ter acontecido, segundo ele, foi o desgarramento de algumas comitivas que por lá ficaram. No entanto, o autor se contradiz quando refere-se à presença de colonos e demais fugitivos na região, na época das Comitivas, pois estes poderiam sim terem formado povoados.

No que tange às dificuldades de se estabelecer uma data de ocupação, Democh (2009), no intuito de esclarecer uma possibilidade, afirma:

Um grande esforço que nos sustenta de que nossa cidade surgiu a partir de 1810 é a arquitetura de casarões que sobreviveram até nossos dias, como já foi citado a arquitetura usada foi a do século XIX estilo paulista rural. Se Catalão tivesse surgido no século XVIII a arquitetura teria características portuguesas como no colonial mineiro, tipo de construção não encontrada em nenhuma foto do início do século XIX, as cidades conservavam a mesma arquitetura comprovado pelas ainda existentes e preservadas pelo IPHAN ou tombadas pelo mesmo órgão. (DEMOCH, 2009, p.63)

Já Ramos (1984, p. 21), indagando a fundação do Sítio do Catalão, coloca todas as suposições tradicionais em questão, dizendo que basear-se nelas, embora necessário, pode não corresponder à verdade. Deixa em aberto as hipóteses de Campos (1976) e de um pesquisador, César Ferreira, que presume ter sido João

Leite da Silva Hortiz, (genro do Anhanguera II) o provável fundador de Catalão e talvez o primeiro proprietário da Sesmaria do Ribeirão.

Existe, ainda, uma segunda hipótese do surgimento do povoado para Democh (2009), referente à presença de quilombos nas regiões no início do século XIX, podendo ser uma das origens da cidade, pois há evidências de refúgio de escravos, e em torno de 1840, houve leilão de escravos decorrente da falência de seus proprietários. Ainda, dados estatísticos de 1919, indicam que Catalão era a cidade com maior número de negros do estado, sendo que, antes de 1825 (entre 1822 e 1825), época da construção da Igreja Nossa Senhora Mãe de Deus, a capela de Nossa Senhora do Rosário dos pretos já existia, mesmo sendo uma estrutura rudimentar.

Independente das divergências entre os autores, o fato importante, é que concomitantemente ao surgimento do povoado, formava-se ali um sítio, denominado “Sítio do Catalão”, o qual mais tarde transformou-se em arraial. Para Chaud (2000),

Com o aumento da população pela notícia da excelência do clima e fertilidade da terra, refugiados, perseguidos e aventureiros de toda sorte instalaram-se no Sítio do Catalão, às margens do Pirapitinga, onde viviam tranqüilamente. (CHAUD, 2000, p. 30)

Campos (1976) presume que o desenvolvimento da população se fez lentamente. O arraial deve existir desde 1736, presumindo seu início em 1728. A população fixa sempre foi pequena e flutuante, pois a localidade era pouso de Bandeirantes e local de passagem para quem seguia para a cidade de Vila Boa de Goiás.

1.2 Ocupação territorial: As primeiras atividades comerciais e os primeiros habitantes

Dos anos 1880, até as últimas décadas do século XVIII, iniciou-se uma mudança na economia, passando a se estruturar na atividade agrícola, principalmente na criação de gado, enquanto alguns mineiros e comerciantes abandonam o país pelos portos onde chegaram. Assim, agricultores e criadores de gado de estabeleceram nas fronteiras da Capitania.

Segundo Lima (2003), o exaurimento do minério fez com que as cidades que haviam adquirido importância regional, pelo fluxo de pessoas e produtos, buscassem

outras atividades econômicas, tais como a pecuária e a agricultura. Daí nasce o segundo povoamento, onde Catalão se insere:

Catalão surgiu no segundo povoamento de Goiás. O primeiro surge com mineração. Esse povoamento originava-se em torno das lavras, minas, etc. com a decadência da mineração o processo se inverte; ocupa-se primeiro o campo, depois surgem os pequenos núcleos urbanos. Catalão aparece nas primeiras décadas do século XIX entre 1810 a 1820, data da doação das terras para a capela. (DEMOCH, 2009, p.47)

Para mostrar a diferença entre o primeiro e o segundo povoamento, Gomez (1994) explica as características que os definem, onde, no primeiro povoamento a consolidação das lavras atribuía características urbanas, formando cidades com centro de produção, comércio e administração. E, só depois, então, a população se interiorizava para sítios e fazendas, sendo apenas continuação das cidades. Com a decadência da mineração, o processo se inverte, a população se dispersa e se ruraliza, ficando as cidades abandonadas e desaparecendo com o tempo:

Nas novas áreas de povoamento, o processo é o inverso: primeiro se ocupa o campo, depois, num tempo posterior, surgem os pequenos núcleos urbanos para preencher as funções religiosas e as elementares funções administrativas. Situada na periferia da Capitania e fora do antigo núcleo minerador, Catalão surge nas primeiras décadas do século XIX de acordo com este novo modelo. (GOMEZ, 1994, p. 21)

O surgimento de pequenas cidades goianas oriundas de terrenos doados pelos fazendeiros às igrejas eram os locais onde as pessoas se reuniam aos domingos e “dias santos”, para fazer orações ou confraternização. E, também, onde se reuniam os comerciantes “volantes”, que se instalavam nos arredores das igrejas ou entroncamentos de estradas, para aproveitar o movimento e vender mercadorias, que não eram produzidas na zona rural, como tecidos, calçados, perfumes, chapéus e ferramentas.

Ainda segundo Lima (2003), a origem da cidade de Catalão está ligada a um tipo de povoamento muito comum no Estado de Goiás que deu origem a grande parte das cidades: o “Patrimônio” também chamado de “Rua” ou “Comércio”, onde,

A denominação “ruas” advém do fato destes locais terem semelhanças com a cidade, como sua disposição espacial, em forma de ruas, além das atividades ali exercidas (comércio, igreja, diversão) que as diferenciavam das atividades agrícolas. Esta é uma clara evidência da separação campo e cidade, ou melhor, uma das mais antigas formas de entendimento do que é rural e urbano. (LIMA, 2003, p. 38)

Essa “rua” ou comércio” se estabeleceu, conta Ramos (1984, p. 20), de uma área de 3300 metros de comprimento por 2000 metros de largura, doada por Antônio

Manoel à Nossa Senhora Mãe de Deus. Essa área, inicia-se na Praça Central, ido até o Setor Industrial. Assim, formou-se o Arraial de Catalão e patrimônio da cidade, passou a ter Nossa Senhora Mãe de Deus, como a padroeira do povoado.

Gomez (1994) discorre sobre o interesse que o fazendeiro Antônio Manoel tinha no intuito de doar as terras à Igreja:

Numa área já ocupada pelos sítios e fazendas, um fazendeiro decide fazer doação de um lote de terras para construção de uma igreja. É movido, sem dúvida, pela devoção, mas também pelo interesse de atrair moradores e valorizar mais suas terras; não falta também o orgulho de sentir-se fundador. [...] Movido pela religiosidade, mas igualmente pela necessidade de convivência, o povo acorre por ocasião das festas. Surgem em torno da capela armazéns e vendas. É o que no interior é conhecido pelo nome expressivo de “comércio”. (GOMEZ, 1994, p. 21)

De 1736 a 1800, Catalão foi um simples vilarejo ou arraial que se desenvolveu com a criação da Sesmaria do Ribeirão. De acordo com Democh (2009), este arraial possuía uma estrutura baseada no “triângulo” igreja-vendas-moradores, estabelecido na estrada da Província de São Paulo para Goiás, sobre o córrego do Catalão, hoje Pirapitinga. Era habitado por fazendeiros que visavam terras para lavoura e pecuária, e posteriormente, migrantes decadentes das minerações.

Sobre as primeiras ocupações e disposição habitacionais, Campos (1976) descreve:

As primeira casas foram construídas na antiga rua Pedro Monteiro, hoje Rua da Grotta, local assim chamado desde remotos tempos, que fica entre o córrego do almoço e o regato que corre dentro de uma grata e vai cair na margem esquerda do Pirapitinga. (CAMPOS, 1976, p.36).

Em mistura com os ranchos de capim, começam a construir no bairro da grotta casinhas pequenas e rústicas, feitas de taipas ou adobes, a estilo português, entre o Ribeirão Pirapitinga, a Grotta e o córrego do Almoço.

Lima (2003), explica que a disposição espacial era em forma de ruas, além das atividades ali exercidas (comércio, igreja, diversão) as diferenciavam das atividades agrícolas, ou seja, das zonas rurais. Este tipo de povoamento está relacionado ao processo de interiorização do território goiano a partir do século XVIII, primeiramente, como centros de abastecimento das minas em produtos agrícolas e manufaturados e, posteriormente, como suporte a outros tipos de atividades. Catalão era o “portal de entrada” para o Estado, das pessoas que vinham do Sudeste e Sul do país: funcionando como estalagem e posto de abastecimento.

Gomez (1994), sobre a localização da cidade de Catalão, diz ter originado-se, portanto, do movimento de interiorização realizado pelos bandeirantes em meados do século XVIII, tendo no início, a função de estalagem e como ponto de apoio aos que buscavam riquezas e índios pelo interior do país.

Sendo assim, a corrida do ouro e a interiorização das bandeiras foram importantes fatores de desenvolvimento e expansão de Catalão, como acredita Lima (2003):

Dos ciclos econômicos, ocorridos até o século XIX, talvez o mais importante para o início da interiorização do país, e conseqüentemente criação e desenvolvimento das cidades, foi o ciclo do ouro, mesmo porque a sua ocorrência se estende mais na região central do país no escudo cristalino brasileiro e, como o ouro era o padrão monetário da época (século XVII e XVIII) tornara-se muito importante a sua procura. Como as distâncias eram enormes e os meios de transporte e comunicações incipientes, era necessário a fixação das pessoas em povoados que, posteriormente, tornaram-se cidades. São resultados desta atividade a ocorrência de várias cidades de Minas Gerais (Ouro Preto, Mariana), Goiás (Vila Boa) e Mato Grosso (Cuiabá). (LIMA, 2003, p. 27)

Nos seus primórdios, o município teve uma área territorial bem mais extensa que a atual, segundo os autores acima, a atividade econômica predominante, nesse período, podia ser caracterizada como agro-pastoril do tipo subsistência e só posteriormente para exportação de excedentes para outros centros maiores como Araguari e Uberlândia no Triângulo Mineiro, além do comércio feito por “mascates”, como já dito anteriormente. Este tipo de economia, afirma Lima (2003), fez com que as cidades do interior tivessem um crescimento lento, tanto em termos populacionais ou na própria evolução de sua malha urbana.

Presume-se, de acordo com Campos (1976), que os primeiros habitantes eram bandeirantes paulistas e portugueses que vinham para as minas de Goiás atraídos pela tentação do ouro, cuja exploração em Goiás foi abundante no fim de 1700 e início de 1800 e que com a decadência das minas acabaram se instalando na região, procurando por alternativas diferentes, como o cultivo da terra. Depois deles, há participação grande dos geralistas, assim chamados por terem saído de Minas Gerais.

Segundo Democh (2009), esses habitantes precisavam atrair formas de investimento para evitar o colapso e desaparecimento do arraial. Diferentemente de Minas Gerais, onde os paulistas, junto com os portugueses e grupos ricos, acabaram evoluindo a arquitetura, a música, e a cultura de acordo com Portugal, em Goiás isso

não ocorreu, por causa da distancia que separava a vila do Catalão até São Paulo e a pobreza das minas de ouro, fazendo com que as vilas entrassem em decadência. Para inverter essa situação, os investidores em minerações, falidos, criaram festas religiosas aos moldes de Portugal e como estas eram de grande participação popular, começaram a dar renda financeira.

O autor ainda comenta que os paulistas que povoaram Goiás eram provenientes de famílias humildes, bem diferentes dos paulistas que foram para Minas Gerais. No arraial, construíam suas casas de madeira próximas às nascentes de córregos e ribeirões e sua produção se resumia a milho, feijão, arroz, mandioca, batata, cenoura, café, tabaco e algodão, apenas para consumo próprio, como já observado. Além disso, havia a criação de gado bovino para comercialização e consumo, mesmo ainda baixo.

Em se tratando ainda das atividades econômicas realizadas pelos primeiros habitantes, Gomez (1994) também argumenta que na ocupação da região o terreno acidentado e a mistura de matas e campos favoreciam a pequena e média propriedade. Mesmo assim, os meios de produção ainda eram reduzidos e as técnicas pelos fazendeiros utilizadas, primitivas, como por exemplo, o gado que criavam solto. Também afirma que a produção era somente para subsistência e, o que produziam de excedente era tão pouco que mal dava para pagar a pouca importação.

A localização dessas primeiras indústrias, primitivas, de acordo com Campos (1976), ficava entre o Córrego do Almoço e o bairro da Grota, sendo elas charqueadas, cortumes, frigoríficos, serrarias, e marcenarias (ver Figura 01).

O Arraial tinha expressão e se desenvolvia através de sua localização favorável. Assim, não demorou muito, de 1810 da doação das terras e formação do arraial, para seu crescimento e elevação à vila. Com relação a esse desenvolvimento, Campos (1976, p. 37) relata que em 1828 Catalão contava com a povoação de 5 casas de telhas e 20 ranchos de capim.

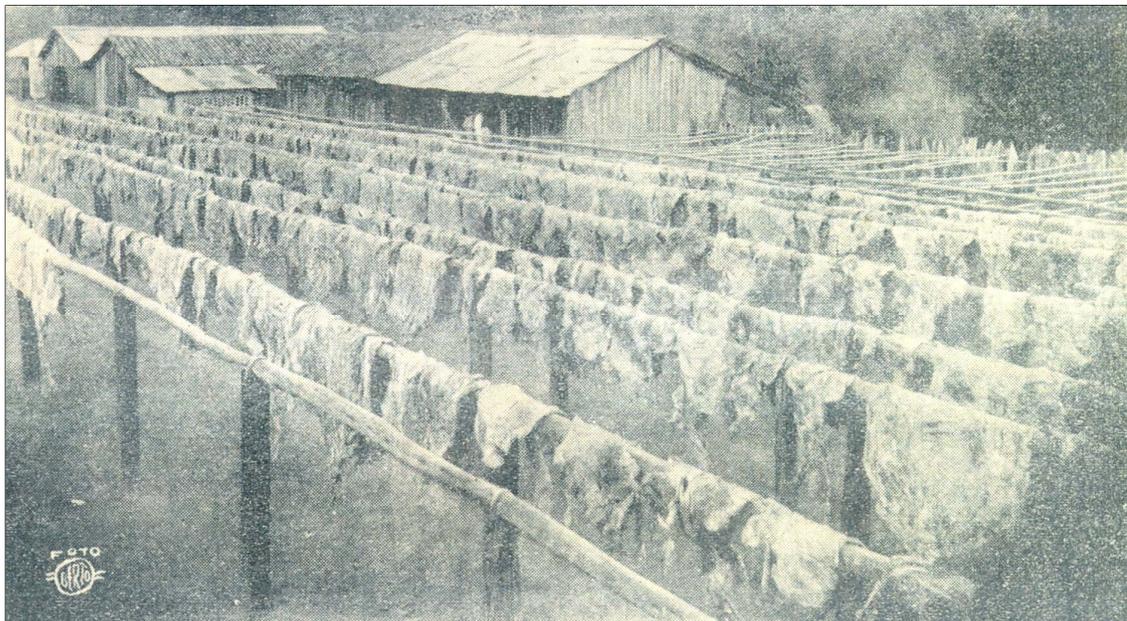


Figura 01: Fotografia de uma das primeiras charqueadas, de Pedro Braga. Fonte: Arquivo pessoal do professor Ms. Laurindo Elias Pedrosa (UFG/CAC). Sem data.

“Ata de primeiro de abril de 1833: Sessão 34: art 7º O arraial de Catalão fica ereto em vila.” (CAMPOS, 1976, p. 39) E já no ano seguinte, o arraial se desmembra do julgado de Santa Cruz, a qual era pertencente, e se transforma em vila, passando a ser pertencente a uma das 10 vilas da única cidade da província de Goiás, Goiás Velho. Mesmo assim, Santa Cruz continuou sendo o distrito eleitoral e sede da Comarca.

Gomez (1994) descreve a rapidez com que ocorreu a formação de vilas:

A resolução do Conselho Administrativo do Governo da Província de Goiás de 2 de abril de 1833 [...]: na Província de Goiás, onde existia uma cidade – a capital - e seis vilas, quase todas de origem muito recente, foram criadas de repente outras dez vilas. Entre estas novas vilas se encontravam as três do sul, oriundas do antigo julgado de Santa Cruz: Santa Cruz, Bonfim e Catalão.

Em 1835, como relata Campos (1976), é criada também, a Paróquia de Nossa Senhora Mãe de Deus, anteriormente capela curada dependente da paróquia de Santa Cruz. Ela é elevada à Freguesia de Natureza Colativa, conservando assim, os limites da Freguesia:

De capela curada dependente da paróquia de Santa Cruz, catalão tinha passado em 1833 a freguesia, e em 1835 a freguesia de natureza colativa, isto é, com vigário permanente, possuidor do cargo por direito mediante concurso. (GOMEZ, 1994, p. 31)

É importante enfatizar, como recorda Gomez (1994), que a elevação à vila não significava para Catalão a completa autonomia de Santa Cruz, pois a capital continuava sendo o distrito eleitoral e a sede da Comarca, isso porque lá havia o único Juiz de Direito com jurisdição civil e criminal para toda a região do Sul.

Mas, mesmo assim, lembram Gomez (1994) e Democh (2009), Catalão era um município em progresso, enquanto Santa Cruz estava em de cadência. Prova disso, foi que em 1842 transferiram-se para a vila as aulas de Santa Cruz, pois o município de Catalão possuía maiores freqüentadores, já que o local se tornava um dos maiores investidores em educação.

Em 1837 é criado o colégio eleitoral de Catalão, que passava a ter juiz e eleitores. Com isso, a vila desmembra-se de Santa Cruz, passando, em 1850, à Comarca do Rio Paranaíba, tornando-se sede e, Santa Cruz e o distrito de Vaivêm (atual Ipameri) passam a ser dependentes da vila de Catalão. Nessa época, não havia comércio e nem artesões, e tudo que consumiam era da zona rural, esta, era composta de uma população muito maior que a urbana. Em 1851, a Comarca passa a se chamar Comarca do Catalão:

A Comarca foi criada por Lei ou resolução Provincial, datada de 6 de julho de 1850, com a denominação de Comarca do Rio Paranaíba. [...] Pelo decreto Lei estadual n.5.570 de 30 de março 1838, é que esta Comarca passou a denominar-se Comarca de Catalão. [...] Em 20 de agosto de 1859, a Vila de Catalão, foi elevada à categoria de cidade. (CAMPOS, 1976, p. 40)

Vale recordar que, anteriormente à separação de Santa Cruz e criação da Comarca do Paranaíba, em 1844 foi criado o Distrito de Santo Antônio do rio Verde, sendo o mais antigo e pertencente à Catalão.

Gomez (1994) comenta o limite territorial da Vila após o desmembramento de Santa Cruz:

O município de Catalão recebia toda a ponta sudeste da Província, limitando-se com Minas ao sul pela divisa do Paranaíba e ao leste com Paracatu pela Serra Mestra, ao norte com resén-criado município de Santa Luzia, e a oeste com Santa Cruz, fazendo divisa o rio Veríssimo e o Corumbá. Corresponhia de fato ao que hoje constitui a microrregião do Sudeste Goiano. (GOMEZ, 1994, p.25).

Catalão completa cem anos de povoado (1736-1835), se for contar desde o povoado do espanhol, até a elevação do arraial à vila, de acordo com Campos (1976). A autora afirma ainda, que desse espaço de tempo, pouca coisa se sabe sobre o município.

A Vila passou a se destacar entre as demais, principalmente quanto à arrecadação de impostos. Em 49 anos, a Comarca do Rio Paranaíba é elevada à categoria de cidade: “Resolução nº 7 de 20 de agosto de 1859, Art. 1º: a vila de Catalão pertencente à Comarca do rio Paranaíba, fica elevada à categoria de Cidade, conservando a mesma denominação”. (Campos, 1976, p.41).

De acordo com Democh (2009), os motivos da elevação à cidade em apenas 49 anos de existência da vila e seu desenvolvimento, foram a distância entre a capital e a vila, que ocasionavam esperas e demoras nas decisões, e a alta porcentagem de crimes que traziam instabilidade social e gastos com armamentos e soldados.

Para o autor, a violência já se inicia quando o arraial é elevado à vila e com isso, surge o coronelismo. Essa característica vai, à partir daí, marcar a cidade de Catalão até o Estado Novo:

Logo após a elevação a vila, Catalão passaria a ter aproximadamente de 8 a 10 eleitores [...] eram escolhidos e nomeados pelos políticos da capital de acordo com seus interesses. Envolviam o poder de liderança financeira, patrimonial e fidelidade política. Eram chamados de coronéis. (DEMOCH, 2009, p.23)

Um dos termos para a elevação à cidade, considera Gomes (1994), está no fato de 10 anos antes já existirem 175 contribuintes nas arrecadações de impostos, mas em contrapartida, era pequena a vida urbana, pois não existia nem uma loja em todo o local, e nem artesão. E o mesmo pode-se dizer da produção rural, também irrisória, por causa dos poucos impostos que eram recolhidos, da subsistência. Mesmo assim, ainda se destacava entre as demais:

Apesar de suas carências estruturais e suas cifras reduzidas, Catalão se tornava cada vez mais um dos municípios fundamentais para a arrecadação de Goiás (...). Para isso contribuíam tanto a arrecadação interna do município com seu lugar privilegiado sobre a longa fronteira do Paranaíba fase à exportação e importação. De fato, já na década de 60, Catalão já se destacava entre os municípios todos da província sob estes dois aspectos. (GOMEZ, 1994, p.38)

Em 1860, Catalão era uma recém-criada cidade afastada dos grandes centros, sem meios de transporte, se não a estrada carreira, por isso mesmo com pequeno desenvolvimento, afirma Campos (1976).

O presidente Jose Martins Pereira de Alencastre, em 1861 pensava na construção de uma ponte sobre o Paranaíba para dinamizar o comércio e controlar a

exportação, já que a variedade de portos particulares favorecia a sonegação. Assim, a única forma de aumentar a renda do governo era favorecer a exportação, principalmente de gado, já que a demanda era grande, e de maneira autotransportável. Porém, a ponte não pôde ser construída porque o fluxo comercial não pertencia somente a Catalão, e sim às suas três coletorias: Mao de Pau, Porto Velho, e Santo Antonio do Rio Verde. Mas não demorou muito para que a cidade ultrapassassem-nas:

Catalão tornava-se um dos municípios de maior arrecadação da província devido sua localização geográfica. Em 1860, a cidade possuía 3 fontes de arrecadação de impostos: Mão de Pau, Porto Velho e Santo Antonio do Rio Verde [...] chegando ao fim do século XIX Catalão permanecia entre os maiores arrecadadores do estado. Com a chegada da estrada de ferro em 1913, Catalão passa a ser a primeira em arrecadação. (DEMOCH, 2009, p.73).

Em 1872 a cidade já possuía mais de 1000 pessoas. A tradição e o radicalismo político começaram por volta de 1870, já no declinar do Império, herdando deste o coronelismo e a violência, que cresceriam paralelamente ao progresso da cidade. O assunto em questão será visto no item que se segue.

1.3 Violência e progresso que marcaram a história

Tal era o catalão da primeira década do século: uma cidade empolgada pela chegada do progresso, mas em que prevaleciam ainda as formas ominosas do coronelismo. (GOMEZ, 1994, p. 96)

Os anos que se seguem da Proclamação da República até o regime do Estado Novo de Getúlio Vargas são marcados em Catalão por uma intensa e violenta guerra política, acompanhada, em contrapartida, de fatos importantes que impulsionaram e firmaram a cidade como a mais importante do Sudeste Goiano. Sobre tal violência, Ramos (1984) comenta:

Na primeira metade do século vinte, Catalão marcou em Goiás uma temerária era de truculentas lutas. Foi a época dos coronéis, o tempo quente das carabinas, tempo que pontilhou a história de Catalão, de nomes que se tornaram famosos por suas bravatas. (RAMOS, 1984, p.33)

De acordo com Democh (2009), a força política a partir dos meados do século XIX em Catalão, tornou-se a maior política do interior tornando superior às da capital, porque com a decadência do ouro que tirou a força e o poder dos senhores e dos políticos da capital, houve um empobrecimento geral, quando os intelectuais políticos e a Igreja, debandaram, deixando a capital com o baixo clero. Catalão

pouco dependeu da política e financeiramente da capital. Foram criados seus próprios meios, cujas fontes alimentadoras maiores foram os escritores, a escolaridade, e a vinda de algumas expressões políticas e culturais das Minas Gerais.

Anteriormente à violência criada pelas disputas políticas após a decadência do Império, Catalão já tinha fama de violenta, da qual Gomez (1994) denomina de “violência estrutural” e discorre sobre a imagem com que Catalão emergia na Província, apresentando duas faces bem marcantes: a do progresso e da violência. Para a fama de violenta, de início, pode ter tido um dos fatos de o arraial ter expulsado dois padres nomeados para capelães. Concomitante à isso, havia uma grande quantidade de crimes e criminosos impunes, além de nenhum respeito às leis, o desprezo das autoridades e a falta de polícia. Na tentativa de reverter a situação, então, o presidente Mascarenhas resolveu mandar praças de 1ª Linha para ajudar na vila.

A violência que poderíamos chamar de estrutural dimanante de instituições tão violentas como a escravatura, o extermínio sistemático do índio, as diversas formas de domínio político particular, a rigidez e autoritarismo da família, despertava pouca ou nenhuma inquietação. (GOMEZ, 1994, p.28)

O que o autor chama de violência estrutural e que são comuns à época, são a disputa de terras e roubo, crimes passionais, disputas familiares, sendo as duas causas mais comuns de violência e morte, as disputas de terras e o roubo.

Posterior a isso, com a Proclamação da República, uma onda de liberdade e desejo pelo “mandar” tomou conta da cidade, mas ainda não existiam partidos políticos estruturados, e isso reforçava a preeminência do presidente e da linha oficial, e ao mesmo tempo essa predominância impedia o surgimento de partidos. Exatamente por isso que só surgiram no final da década de 1870, com o declínio do Império.

Era a política, a vontade do poder, o desejo incomensurável de ser chefe. Essas mesmas aspirações que levaram a cidade em trevas e que espalharam a todos os ângulos do país, pelos seus resultados, o tremendo conceito que até hoje paira e que a custo será extirpado. Passou o tempo mas a fama ficou. (CHAUD, 2000, p. 88)

Além de tudo, a pequena parcela votante da sociedade não tinha escolha às vistas grossas do coronelismo: como o número de votantes era pequeno, nas

eleições não havia “espaço” para surpresa. O grupo local que controlava a Junta Paroquial predominava no poder político, era o responsável pelo registro dos eleitores (GOMEZ, 1994).

Para Campos (1976), os últimos 20 anos do século XIX, foram marcados por acirradas lutas políticas entre os dois partidos militantes da época, os monarquistas e os republicanos. Essas lutas, concorreram para tornar a cidade conhecida de outras regiões, pois seus acontecimentos eram divulgados. Sobre esses acontecimentos que ocorriam também em todo o Goiás, Gomez (1994) comenta:

Por toda parte se acende em Goiás a paixão da luta política no âmbito reduzido do município, chegando em vários lugares até o conflito armado. Era a experiência juvenil de uma nova liberdade. (GOMEZ, 1994, p.67)

O autor acredita, ainda, que as lutas políticas, anteriores às disputas de partidos, se iniciaram com o caso Bernardo Guimarães, um caso de dissidência e até de oposição municipal com respeito ao Presidente, no governo de Alencastre (1861-1862):

Bernardo Guimarães iniciou sua carreira como Juiz Municipal e de Órfãos em Catalão, vindo de São Paulo já que em Goiás não existiam estudos jurídicos. Contudo, travou conflitos com o chefe político local, o coronel Roque Alves de Azevedo, na tentativa de se impor para acabar com a violência no município. Para tanto, o juiz tentou, em 1860, montar posições funcionais como juízes municipais, substitutos, delegados, subdelegados, juízes de paz e escrivães. Mas suas tentativas falharam, pois os homens de confiança de Roque ganharam todos os postos municipais.

Com a situação grave do município, os adversários foram menosprezados e ele assumiu em maio de 1861, o cargo de Juiz Municipal, depois da desistência de Dr. Virgílio, que era quem ocupava o cargo até então.

Logo que assumiu, ele convocou o júri, presidiu a sessão e onze presos foram absolvidos. Esta atitude foi encarada por Alencastre como uma declaração de guerra e sua legitimidade foi questionada. Uma campanha para derrubar o júri e seu Presidente foi armada.

Como Guimarães foi colaborador de um jornal amplamente divulgado no país, *A Actualidade*, conseguiu publicar artigos denunciando a atual situação de Catalão e

pondo em evidência as arbitrariedades do Juiz Dr. Virgílio e do Governador. Tentavam, então, o presidente e o Chefe de Polícia derrubar Guimarães, mandando força militar para reprimir a população e proceder ao recrutamento militar, os revoltosos. Mesmo assim, ele continuava a denunciar por artigos e sua atitude logo surtiu efeito, com a exoneração do Presidente Alencastre, derrubado junto com o Juiz da Comarca.

O coronelismo já tinha adquirido uma forma definida em Catalão nos começos da década de 60, como se pode constatar pelo desenvolvimento do caso Bernardo Guimarães. Era a época do domínio do coronel Roque Alves de Azevedo, que contava com o apoio unânime da Câmara Municipal. (GOMEZ, 1994, p.54)

Após a passagem de Guimarães por Catalão, inicia-se a lenta ascensão de Antônio Paranhos, que, inclusive, foi amigo de Bernardo Guimarães e se estabeleceu politicamente, sendo em 1865, Coronel Comandante Superior do Rio Paranaíba, onde dirigiu recrutas para a guerra do Paraguai e, em 1876, já se firma nas eleições no Município para eleitores, vereadores e Juizes de Paz.

Segundo Campos (1976), o coronel Antônio da Silva Paranhos foi ainda deputado estadual por duas vezes, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado e senador da República pela Constituição de 1891. Um homem, também, de muito prestígio político, que passou a ter mais força com a Proclamação da República.

O coronel foi eleito apartidariamente, mas em 1878, é criado por Antônio Félix de Bulhões o Partido Liberal, que desejava à direção da Província e do Congresso nacional, partido este, responsável por derrubar Paranhos em sua segunda eleição.

Alguns eleitos juntamente com o coronel tiveram suas candidaturas impugnadas. O motivo da irregularidade, no caso do coronel, foi que alegaram que ele era português de nascimento e não possuía nacionalidade brasileira. Entretanto, mesmo cassado, sua família continuou a ter domínio na política catalana.

É à partir desse momento que se inicia a violência na política da cidade, como explica Ramos (1984), ao dizer que Catalão vivia um verdadeiro clima de guerra, devido à disputa entre as facções chefiadas pelo coronel Paranhos e o capitão Carlos Antônio de Andrade, do partido conservador, e unido na política à família Ayresna disputa pelo domínio político do município, mas que sempre perdiam nas

eleições para seus adversários do Partido Republicano, mesmo sendo uma figura de influência, por ter tido apoio do Império até 1889.

Em Catalão, como acontecia em todo o Estado, desde cedo houve a formação de Partidos, logo institucionalizados e estruturados, vinculados a coronéis locais. Em Catalão, notamos já nos fins do século XIX a formação do “papo-roxo” e do “papo-amarelo”. O primeiro era liderado pelos Paranhos e ligado ao Centro Republicano, enquanto o segundo era dominado pelos Ayres e futuramente iria se articular com o Partido Democrata, a ser criado em janeiro de 1910. (CHAUL, 1994, p.125).

Com a onda de violência sempre constante e, após o incidente do assalto em Entre Rios contra a Junta de Alistamento Militar, em abril de 1879, as autoridades de Catalão solicitaram ao presidente que mandasse 20 praças.

Gomes (1984) descreve que os crimes que estavam ocorrendo tiveram participação de parentes de políticos e que com o ocorrido, as mesmas autoridades que pediram a Força do Batalhão, pediam para cancelá-las, sendo os réus dos crimes, absolvidos. O presidente do município foi acusado de irresponsabilidade no cargo e para amenizar a situação, demitiu autoridades e colocou pessoas “neutras” aos ocorridos. E assim, o coronel Paranhos e seu grupo voltaram.

À medida que o coronel Paranhos e seu filho, o deputado Ricardo Paranhos, denunciavam as atrocidades cometidas em Catalão ao publicar artigos relacionados às fraudes de seus adversários que tentavam derrubá-los, a relação tensa entre os grupos políticos se acirrava, até acontecer de fato, um conflito armado, conhecido como “1º Fogo”: Em dezembro de 1882 (ver Figura 02), o capitão Antônio Carlos de Andrade, e os Ayres atacaram a casa dos Paranhos no dia em que havia uma reunião com o Juiz de Direito da Comarca e o delegado de polícia. Trocaram tiroteios, mas Paranhos e as autoridades, desprevenidos, tiveram que ceder e se retirar da cidade. Logo, houve intervenções de tropas federais e estaduais, abertura de inquérito e os ocupantes fugiram, sendo poucos os presos.

Em 1895/96, aconteceu o “2º Fogo” com novos tiroteios pela cidade que impedia a população de sair nas ruas. Era senador, o coronel Paranhos, que havia solicitado para a cidade o Batalhão nº20 da força federal. Em um destes confrontos, Felipe Estrela, casado com uma neta do senador, atirou em Carlos Antônio de Andrade, mas errou o tiro. O capitão, então, resolveu aproveitar o estopim para se vingar, preparando uma emboscada para o senador. Para isso, contratou jagunços e

montaram uma emboscada em sua residência, esperando que o senador passasse pela rua.

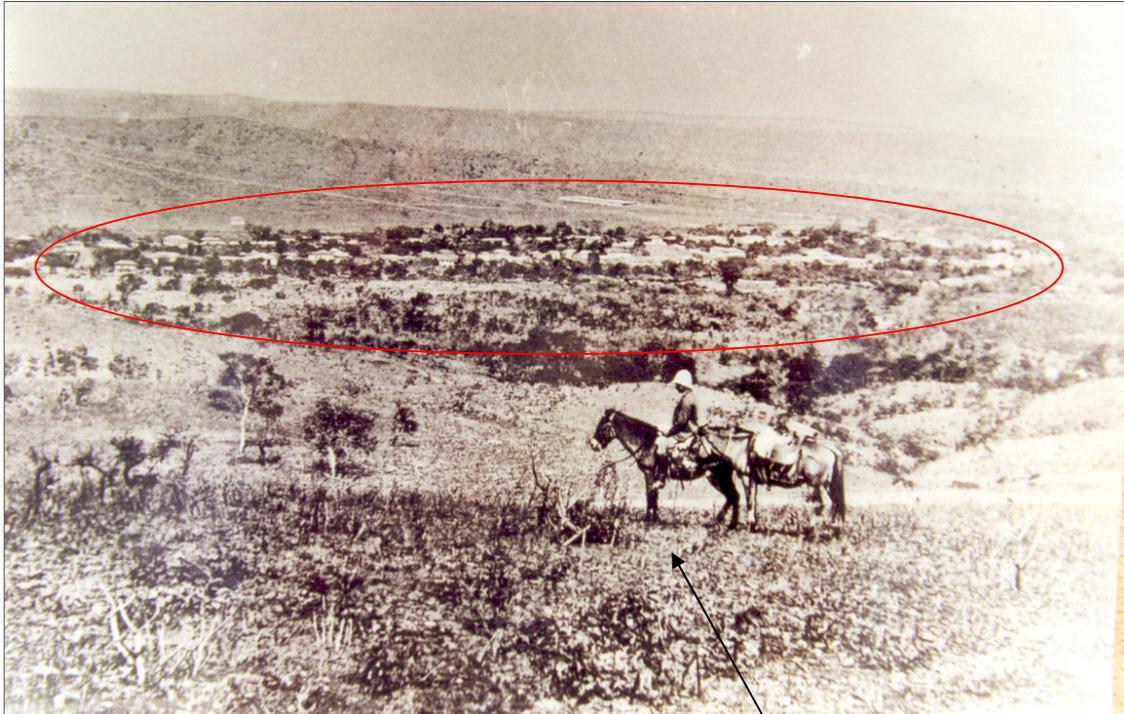


Figura 02: Vista do Morro da Saudade Fotografia de Catalão do ano de 1892, hoje Morro de São João. Nota-se a delimitação urbana da época, restrita ao curso do Ribeirão Pirapitinga, de onde iniciou-se a ocupação territorial. Fonte: Arquivo pessoal do professor Laurindo Elias Pedrosa (UFG-CAC).

O coronel Paranhos foi avisado da armadilha, evitando passar pela rua onde residia o capitão Andrade. Porém, nas palavras de Campos (1976), durante a tarde do dia do júri de defesa de Felipe Estrela, acusado de atirar no capitão, em que o coronel Paranhos estava presente e foi responsável pela absolvição do réu, acabaram por passar em frente à residência do capitão Andrade, ao saírem da cadeia. O senador foi atingido com vários tiros. Entre os atiradores, estava o jagunço Eliseu da Cunha, responsável pelo tiro mortal.

A casa do capitão Andrade foi cercada e houve troca de tiros com o batalhão armado. Mesmo assim, os “criminosos” fugiram pelos fundos. Felipe Estrela e uma parte do batalhão foram atrás, conseguindo prender o capitão Andrade, seu filho e alguns jagunços, menos Eliseu da Cunha, que conseguiu fugir.

Mesmo presos, subornaram um soldado da guarda que estava de vigia, que, por sua vez, entregou o plano de fuga à Felipe Estrela. Na noite da fuga, ele e

alguns soldados esperavam as vítimas do lado de fora da cadeia, armados. Os fugitivos não resistiram aos tiroteios.

Segundo Ramos (1984), em 1909 houve uma reviravolta na política goiana, quando subiu ao poder do Estado a famosa família Caiado, e com ela, a prevista volta dos Cunhas ao domínio de Catalão. Chaul (1994) complementa:

A chamada "Revolução de 1909" teve início quando Bulhões sentiu, ainda em 1908, que poderia retomar as rédeas do poder político goiano, uma vez que se abria a sucessão ao cargo de Presidente de Estado para o lugar de Rocha Lima. (CHAUL, 1994, p. 133).

É assim que Eliseu da Cunha retorna à Catalão, aproveitando-se da revolução. Xavier cai, tentando organizar economicamente o Estado e o sistema de arrecadação, onde os pecuaristas ficariam prejudicados. Eliseu apoiou Eugenio Jardim e outros para depor os xavieiristas e em troca, teve a proteção de Jardim no processo do assassinato do senador Paranhos, um "clientelismo político", tradição do coronelismo

Alfredo Paranhos, que estava no lugar do ex-senador Paranhos, seu avô, perdeu apoio do governo e colocaram em seu lugar Christiano Victor Rodrigues. Também ganhou espaço na política da cidade, José Maria Aires da Silva, ganhando a família Aires destaque novamente, e, significando, o retorno do poder político do Partido Democrata, do falecido capitão Andrade. Porém, mesmo com a ascensão dessas famílias "coligadas" ao capitão Andrade, quem estava à frente de tudo, era Elizeu da Cunha.

Concomitante a esses acontecimentos políticos, a cidade vivia sua ascensão, que começou com a chegada de imigrantes e colonos, como bem observam Campos (1976) e Chaud (2000), muitos dos quais tornaram-se responsáveis pelo desenvolvimento de Catalão. Era o momento em que a estrada de ferro atraía comerciantes e firmas, principalmente os sírios.

Em 1895 chegaram os primeiros imigrantes árabes. Depois, vieram colonos italianos, uma turma que compunha-se mais ou menos de 40 pessoas, alguns dos quais se naturalizaram. Em 1912 ou 1913 chegaram os espanhóis e depois os sírios, sendo estes últimos a maior colônia que Catalão já teve.

Os sírios trabalharam desde profissões liberais às atividades agropecuárias. Os irmãos Salles, por exemplo, iniciaram a lavoura mecanizada na região, por volta

de 1926, movimentaram as indústrias de álcool, motor, açúcar e maquina de beneficiar arroz. Além disso, trouxeram representações bancárias do Banco do Brasil para a região (ver Figura 03).



Figura 03: Uma das primeiras casas bancárias de Catalão fundadas por sírios, onde veio mais tarde a funcionar o Banco Regional de Brasília (BRB). Fonte: Arquivo pessoal do professor Ms. Laurindo Elias Pedrosa (UFG/CAC). Sem data.

Para Campos (1976), a família Fayad(ver Figura 04)foi pioneira em obras sociais, como o primeiro hospital local.E a influência síria ainda vai mais além: muitas das ruas da cidade levam os nomes de sírios, bem como os costumes alimentícios herdados: pão sírio, quibe, dentre outros.



Figura 04: Fotografia da residência da família Fayad. A fachada foi mantida. Hoje o local é de uso comercial. Fonte: Fundação Cultural Maria das Dores Campos. Prefeitura Municipal de Catalão. Data: 1930.

A construção das ferrovias aconteceu no final do domínio político da família Paranhos, que ainda teve alguns sucessores após Eliseu da Cunha e seu filho e sucessor, Isaac da Cunha. Acontecia nessa época também, a marcha do café:

A marcha do café em conluio com a ascensão da urbanização e industrialização do centro sul do país, reorientaram e expandiram as bases econômicas de regiões que estavam interligadas ao processo nacional, como foi o caso de Goiás. A elevação dos preços e a ocupação do das terras do centro-sul através da marcha do café fizeram com que, após a ocupação do sul de Minas e do Triângulo Mineiro, levas e levas de paulistas e mineiros penetrassem no território goiano com o intuito de adquirir terras a preços baixos para desenvolverem a agropecuária. (CHAUL, 1994, p.115)

Acontece que não era tão simples assim. A falta de caminhos que ligassem o mercado goiano ao centro-sul dificultava a integração da economia goiana com os outros locais.

A implantação das ferrovias implicou uma certa repercussão porque os grupos políticos dominantes não faziam questão de incentivar os projetos. Foi necessária uma pequena parcela da classe dominante que estava ligada às novas oligarquias que obtinham incentivos de capital internacional. Como era de interesse do governo federal o crescimento da economia através das ferrovias, apoiaram a construção da linha.

Chaul (1994) afirma ainda que o país passava por dificuldades econômicas que acabaram por atrasar os serviços ferroviários e Goiás foi um dos principais prejudicados, como por exemplo, faltavam 72km no prolongamento da Mojiana, empresa responsável pelas ferrovias, até Catalão, pois os trilhos chegavam até Araguari.

Os grupos dominantes no poder pressionaram os deputados goianos para que reivindicassem a ligação, por via férrea, de Goiás ao Rio de Janeiro e a São Paulo, além da concretização dos trilhos que ligaria Goiás a Cuiabá. (CHAUL, 1994, p.117)

Alguns empecilhos para a conclusão da Estrada de Ferro de Goiás foram as dificuldades no prolongamento da linha de Araguari à Catalão porque ia contra os interesses dos grupos econômicos de Minas Gerais, que detinham o controle sobre o comércio goiano, e assim, pressionavam para retardar o avanço dos trilhos até Goiás. Além disso, Minas Gerais usou o pretexto dos assassinatos dos ferroviários como estopim para a paralisação das obras ferroviárias, para retardar a chegada

dos trilhos até Goiás, mortes ocasionadas na gerência de Eliseu da Cunha, onde seu filho Isaac foi participante nesses atentados violentos.

Após varias modificações no projeto Cia. Mojiana para o trecho Araguari – Catalão, a Estrada de Ferro de Goiás iniciou, com a aprovação do governo federal, a construção do referido trecho em 23 de dezembro de 1909. Três anos depois os trilhos cruzaram o rio Paranaíba, implantando a primeira via de transporte considerada moderna em Goiás. (CHAUL, 1994, p.118)

Gomez (1994) comenta que Catalão continuava entre as recebedorias com a maior arrecadação do Estado e quase com a mesma de Rio Verde, que ainda era superior. Com a aproximação da estrada de ferro pelo Triangulo Mineiro, chegando até Araguari a situação se inverte, passando Catalão ao primeiro plano.

Sobre a inauguração da ferrovia em Catalão, Ramos (1984) descreve:

Em 24 de fevereiro de 1913 deveria ser inaugurada a Estação Ferroviária, estando prevista inúmeras festividades para a comemoração da chegada da Estrada de Ferro. A diretoria da ferrovia, que tinha sua sede na cidade mineira de Araguari, houve por bem convidar Ricardo Paranhos, que para ali havia transferido sua residência, para fazer um discurso no dia das solenidades então programadas. (RAMOS, 1984, p.35)

Contudo, um fato descrito por Ramos (1984) e por Chaud (2000) sobre o dia da inauguração (ver Figura 05) revela que Isaac da Cunha não se conformou com a indicação e quando Ricardo desceu do trem especial, aproximou-se dele e disse: "Bico calado! Se falar, morre. Entendeu?"



Figura 05: Registro fotográfico da inauguração da Estrada de Ferro, em 1913. Fonte: Fundação Cultural Maria das Dores Campos. Prefeitura Municipal de Catalão. Sem data.

Em 1902, o município já contava com uma grande produção agrícola e exportava cereais e outros produtos para Araguari e São Pedro da Uberabinha; banha, toucinho, manteiga e charque para São Paulo, até o porto de Santos. Assim sendo, pode-se notar o quanto a ascensão produtiva comercial, e financeira, a estrada de ferro gerou para a cidade, fortalecendo cada vez mais as relações comerciais:

Assim, a estrada de ferro foi o elo de ligação que faltava na corrente comercial de Catalão com Triângulo Mineiro e São Paulo, para uma maior desenvoltura e um maior incremento. (CHAUL, 1994, p.121).

Chaud (2000) comenta que as indústrias da época contaram com duas grandes charqueadas, dois curtumes, fabricação de calçados em grande escala, além de fábricas de manteiga, salsicharia, queijo, banha e sabão. Estava entre os principais industriais a família Margon (ver Figura 06).

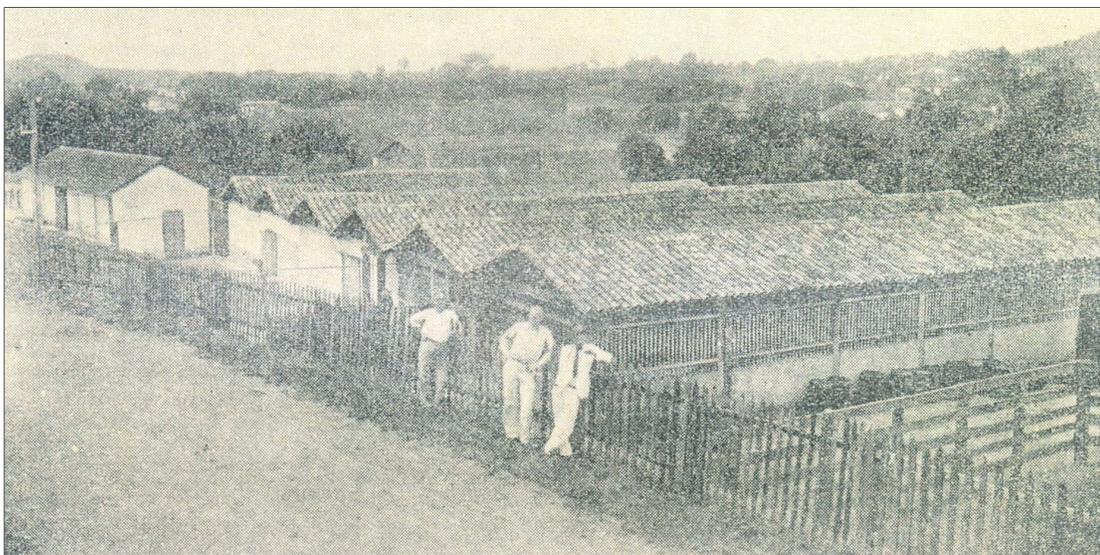


Figura 06: Imagem das primeiras indústrias da década de 1900, da Família Margon. Fonte: Fundação Cultural Maria das Dores Campos. Prefeitura Municipal de Catalão. Sem data.

Nadécada de 1930, a implantação do chamado Estado Novo de Getúlio Vargas através da modificação institucional verificada no Brasil, trouxe muitas mudanças nos quadros da política interiorana. Chaud (2000) explica que em Catalão, as famílias Netto, Campos, Paranhos e Carneiro foram substituídas no comando político do município pela família Sampaio.

O golpe de 1937 impôs ao Brasil uma ditadura férrea e com isso, afastou durante os oito anos seguintes a alternância do poder municipal, que passou a não ter influência política, onde todos se encontravam nivelados pela ditadura. Era

então fim das as rixas políticas do coronelismo, embora a violência ainda marcava a cidade, como mostra Campos (1976):

Catalão nos primeiros 50 anos deste século XX, apesar de ter desaparecido as velhas rixas políticas entre Paranhos e Andrades, que provocaram os 2 “fogos” e a morte dos principais chefes políticos, continuou com incidentes violentos. (CAMPOS, 1976, p. 108)

Foi no governo de Getúlio que iniciaram as primeiras mudanças em cidades do interior, sendo que em Catalão foram construídas as primeiras estradas que ligavam os municípios, a Interventoria Estadual eleva a povoação de Goiandira à Vila, é construída a primeira ponte sobre o rio Pirapitinga e inicia-se a agricultura mecanizada.

Já na década de quarenta, a cidade passou pela sua maior fase de crescimento, no governo de Juscelino Kubitschek, com a construção de rodovias, fator que a ligou as grandes rotas comerciais. De acordo com Ramos (1984), ela, anteriormente a 1940, se localizava em um “cotovelo” de difícil acesso, isolada dos centros mais adiantados e vivendo em um clima de semiobscurantismo, abalada por violentas lutas políticas.

Sobre a construção das rodovias no país e em Goiás datadas de 1959, Chaud (2000) descreve:

A Lei Federal n ° 3.613 incluiu a rodovia que liga os municípios de Limeira, Pirassununga, Ribeirão Preto, Igarapava e Delta, no Estado de São Paulo, Uberaba, Uberlândia e Araguari, no Estado de Minas Gerais; Catalão e Cristalina, no Estado de Goiás; e Brasília, no Plano Rodoviário Nacional, com a denominação de BR-106. (CHAUD, 2000, p. 227)

E não somente as rodovias foram importantes no processo de crescimento socioeconômico e urbano locais, em si, mas principalmente o que influenciou a ligação do Centro-Oeste com o restante do país: a construção de Brasília. Para Ramos (1984), o desenvolvimento do município no sentido comercial, industrial e cultural se deu à partir desse momento, da mudança da Capital da República para o planalto goiano e na inauguração da BR-050, ligando São Paulo a Brasília, e passando por Catalão.

Estes fatos importantes e apresentados até aqui, no capítulo inicial, foram os responsáveis por marcarem o estabelecimento e a consolidação da cidade de Catalão no Sudeste Goiano. À partir da próxima década, de 70, ocorreram mudanças funcionais que transformaram a dinâmica urbana, regional e econômica, que serão analisadas no capítulo à seguir.

2 Inserção regional e as transformações recentes.

2.1 Transformações no cenário urbano a partir de 1970

As cidades não surgem ou se desenvolvem de repente ou por acaso. O que ocorre [...] são influências de fatores exógenos que impulsionam o desenvolvimento, tais como: a implantação de uma via de transporte, a instalação de uma indústria, a exploração de recursos naturais e outros, que modificam, radicalmente, as atividades locais e, conseqüentemente, reestruturam seu espaço geográfico. (LIMA, 2003, p. 55)

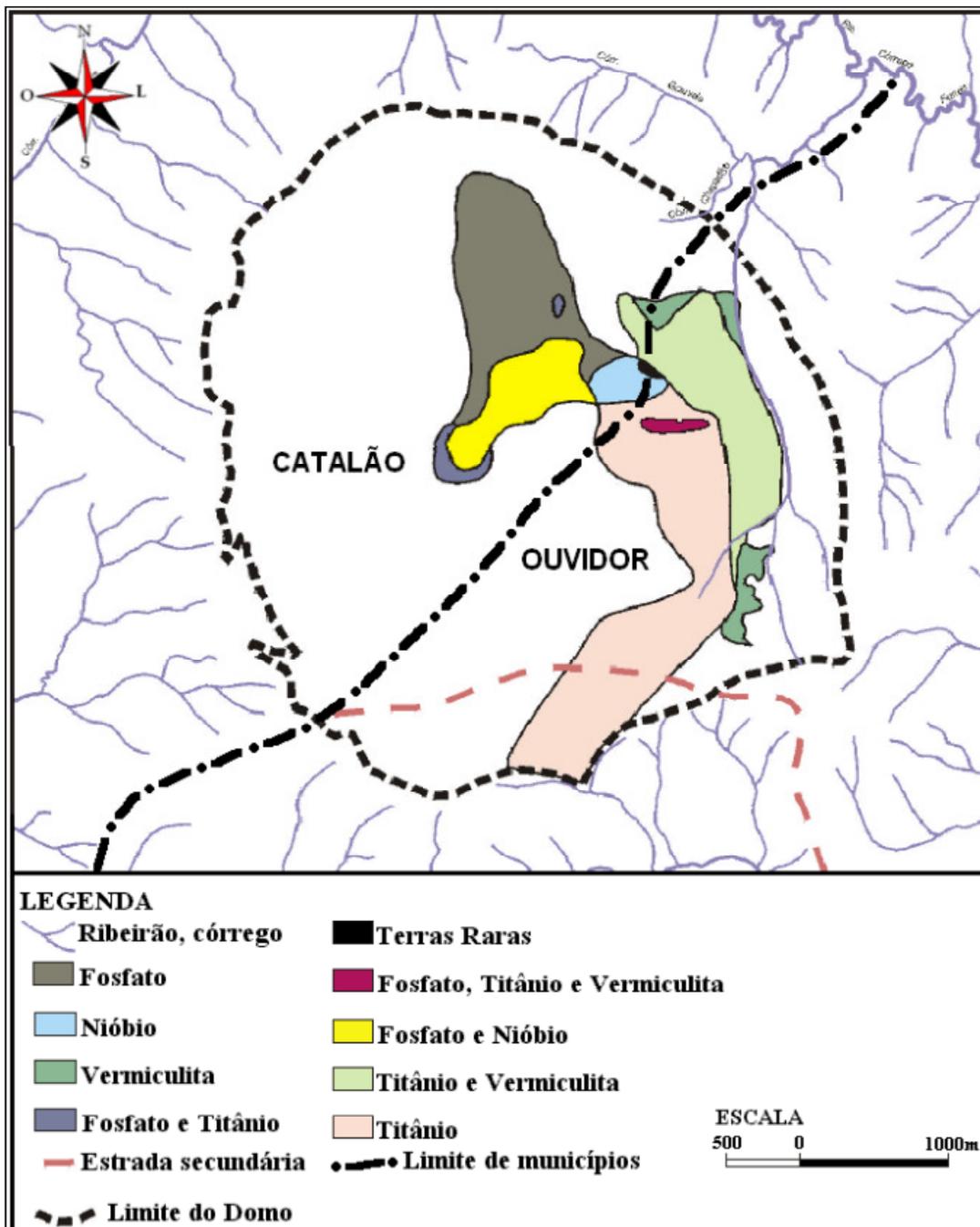
Como em todo o país, o processo de urbanização se intensificou na década de 1970, também através de fatores como o aumento da malha viária e o avanço nas telecomunicações, mas particularmente, o que define a intensificação desse processo no município de Catalão é a chegada das mineradoras.

De acordo com Lima (2003), Catalão passou de uma economia eminentemente agropastoril até meados da década de 1970, para uma economia baseada principalmente na exploração mineral e modernização agrícola, realizada por grandes empresas com uso de tecnologias avançadas e investimentos de capital, responsáveis pela mudança em seu perfil e de toda a microrregião, que aos poucos foi se fragmentando até chegar à disposição atual. O aumento acelerado da população urbana, o crescimento horizontal da cidade, o crescimento do setor terciário, o aumento da demanda por infraestrutura, são fatores impulsionados pelas empresas mineradoras, visto que isso passa a ocorrer justamente a partir da implantação dessas empresas na região.

É a partir de então, que se iniciaram as grandes transformações no espaço urbano do município e em seu entorno, no chamado Complexo Mineral Catalão-Ouvidor, limitando o Domo Alcalino de Catalão como ponto dos limites administrativos entre as mineradoras, os municípios de Catalão e Ouvidor, uma área que possui 35% das reservas brasileiras de Fosfato, uma das três reservas mundiais de Nióbio, além de Terras Raras e Titânio (ver Mapa 01).

Para PEDROSA ET AL (2005), a criação do Distrito Minerário Industrial de Catalão – DIMIC (ver Figura 07), uma área destinada à instalação de indústrias minero químicas, foi criada conforme demandas das indústrias mineradoras instaladas no município, com o objetivo de atender as demandas exigidas pelo processo de verticalização das empresas mineradoras, bem como abrigar diversas outras atividades industriais (indústria de transformação e outras)

que pudessem se instalar atraídas pelo pólo minero químico e pelas vantagens existentes.



Mapa 01: Mapa da localização dos minérios do Complexo Mineral Catalão/Ouvidor (GO). Fonte: Principais Depósitos Minerais do Brasil, DNPM, 1997. Adaptado por Lima (2002) – LABGEO/UFG/CAC.



Figura 07: Vista Aérea do Complexo Mineral Catalão/Ouvidor (GO) – 2003. Área pertencente ao DIMIC. Fonte: LIMA (2003), In: Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Foi em 1967, segundo Chaud (2000), que o Departamento Nacional de Pesquisas Minerais deu início aos seus trabalhos de pesquisa, no Complexo Mineral Industrial do Catalão I, que já era conhecido desde 1894, através das pesquisas de Eugênio Hussac, membro da Comissão Cruls, mas que nada se podia fazer a respeito na época, pela falta de tecnologias avançadas que pudessem extrair os minérios.

Nesse final da década de 1960, a Metais de Goiás S.A. (Metago), primeira empresa estadual de mineração a operar no país, recebeu duas áreas para pesquisas na porção centro-leste do Complexo Mineral de Catalão I, nome dado durante a realização do Projeto Chaminé, em face da descoberta de outra estrutura na região, que passou a ser chamada Catalão II. Números foram catalogados para mostrar a quantidade de minérios, segundo Chaud (2000):

AMetais de Goiás S.Ae a Minerado Catalão de Goiás S.A, do Grupo Brasimet, pesquisando e medindo as reservas minerais do Catalão, chegaram a números surpreendentes: 422 milhões de toneladas de minério de fosfato, 278 milhões de toneladas de minério de titânio, 31 milhões de toneladas de minério de nióbio, 15 milhões de toneladas de terras raras e 10 milhões de toneladas de minério de vermiculita. (CHAUD, 2000, p.238)

Logo depois, em 1972, surge uma nova empresa mineradora: entra em funcionamento a Fosfago S. A., hoje conhecida como Copebrás. A rapidez com que novas mineradoras iam se instalando devia-se a riqueza de minerais, que em 1975 afirmava Campos (1976), existiam jazidas de fosfato, ferro, manganês, rutilo, chumbo, calcários, areias malacachetas, kaolim, quartzo turfa, grafite, turmalina, entre outros.

O fosfato é utilizado como matéria-prima para fertilizantes, analisa Lima (2003), num país predominantemente agrário e em expansão, e o nióbio como elemento na formação de ligas em aços especiais para a indústria de ponta. Sendo assim, estes foram os primeiros, e no início do século XXI ainda são os mais explorados pelas empresas.

Chaud (2000) descreve que em 1976 a Mineração Catalão de Goiás S. A. entrou em vigor, com o investimento de 10 milhões de dólares para a produção de concentrado de pirocloro, passando, então, a reforçar a liderança no Brasil da comercialização do nióbio e atendendo a 70% do consumo mundial. Um ano depois, a empresa inaugurou a usina metalúrgica, produzindo e exportando ferro-nióbio.

Ainda, em 1981, surge a Unidade Industrial da Goiasfértil, que iniciou sua pré-operação, lançando 7 anos depois, o polo de fertilizantes. Em 1995, a empresa passa a se chamar Ultrafértil.

Sobre a instalação dessas empresas, Lima (2003) indaga a importância que as mesmas tiveram sobre o município de Catalão e como este acabou por se diferenciar dos demais municípios da microrregião do Sudeste Goiano:

As empresas, ali instaladas, pelo seu porte e pelo número de investimentos aplicados acabaram por se tornar grandes incentivadores e responsáveis pelo crescimento da cidade de Catalão como um todo, na sua expansão, econômica, e cultural o que a diferenciara das demais cidades da região. (LIMA, 2003, p. 83)

Da década de 1970 em diante, o aumento da população era verificado de forma estrondosa, provocado, segundo Campos (1976), pela exploração de minérios, construção de estradas, melhoria de empregos e prenúncio da vida industrial, com prioridade da imigração sobre a emigração. Muitos bairros eram criados, e a configuração urbana se estabelecia conforme a renda populacional, sendo o centro ocupado pela população de renda mais favorável, e a periferia, de

infraestrutura mais precária, ocupada pela população de renda inferior, infraestrutura essa, que não acompanhou o crescimento populacional e territorial. Sobre esse crescimento, Democh (2009), comenta:

A cidade transformou-se. As ruas encheram-se de carros novos, de caminhões. De ônibus conduzindo operários. Milhares de casa novas foram construídas. Surgiram as gigantescas instalações da Goiasfertil, da Fosfato e da Mineração Catalão de Goiás S.A. (DEMOCH, 2009, p.18).

Porém, nessa época ainda não se pensavam nas consequências de uma expansão urbana sem limites e ordenamento. Tanto é que não havia sequer um plano diretor que pudesse ser seguido. Ao final da década de 70, era necessário repensar isso, com o estrondoso crescimento populacional que a cidade obtinha. É a partir de então que surgem modelos de planejamento e ordenamento territorial e urbano. Cunha e Silva (2007) explicam que o uso de modelos transformou-se no instrumento de significativa importância na análise da organização espacial, funcionando como uma nova linguagem do trabalho geográfico e retratando a expansão econômica de aglomerações urbanas e rurais. O trabalho de campo, a análise de cartas e o uso de fotos passaram a ser utilizados com a finalidade de testar as hipóteses e a viabilidade dos modelos.

Segundo Lima (2003, *apud* BARBOSA, 1997), Catalão se tornou em 1970 a principal cidade da região Sul Goiana: Sua rede de equipamentos urbanos era a maior e a melhor que dos outros municípios, e foi esse o principal fator que fez com que a cidade se tornasse o principal centro de atração populacional da região. Os municípios Ananguera, Corumbaíba, Cumari, Nova Aurora, Davinópolis, Três Ranchos e Goiandira tiveram suas populações reduzidas neste período, enquanto que Campo Alegre de Goiás foi o único que se manteve, em números absolutos, e Ipameri e Ouidor, tiveram sua população acrescida em torno de 10% no mesmo período. Sobre esse aumento populacional, Lima (2003), destaca:

Com o aumento populacional, obviamente, aumentou também a malha urbana da cidade [...] praticamente, dobrou sua extensão territorial em menos de três décadas, o que tornou a cidade uma referência regional. A cidade de Catalão, não apenas cresceu territorialmente ou urbanizou-se, mas aumentou e muito sua população. (Lima, 2003, p. 99).

A imensidão dos limites geográficos e municipais dessa década são descritos por Campos (1976): Ao nordeste, Catalão limita-se com o município de Ipameri, tendo início na barra do Ribeirão Pari no Rio Veríssimo subindo por este até a barra

do Ribeirão Custódia. Ao norte faz limite com o município de Campo Alegre de Goiás, começando na barra do Ribeirão Custódia, no rio Veríssimo, subindo pelo ribeirão até a barra do Córrego das Perobas; sobe por este até a sua cabeceira, daí em diante segue rumo até a Serra do Falcão, indo por esta serra até encontrar a cabeceira do Córrego Quebra Chifre no Morro Redondo, de onde desce pelo córrego até sua barra no rio São Marcos, subindo novamente, pelo São Marcos, até a barra do Córrego Boqueirão. Ao nordeste, faz divisa com três municípios de Minas Gerais, Paracatu, Vazante e Coromandel. Ainda ao nordeste, limita-se com o município de Davinópolis, a leste e sudeste com o município de Ouvidor, e ao sul com o município de Três Ranchos, Cascalho Rico e Araguari – MG; além do município de Cumari; e ao sudeste, limita-se com o município de Goiandira.

Campos (1976) afirma que principal atividade do município nessa época, antes mesmo do crescimento ligado às mineradoras e após elas, era a pecuária. Já na zona urbana, a maioria da população se dedicava ao pequeno comércio e às atividades domésticas, como já afirmadas por autores anteriores, sendo uma cidade tradicional que conservava ainda hábitos e costumes do passado, apesar da rápida expansão urbana.

De acordo com Ramos (1984), a população em 1980 era de 39.194 e o afluxo imigratório, atraído pela exploração do fosfato e outros minérios, fez estimar em 50.000 habitantes em apenas três anos depois, a cidade. Quinze depois, dados de 1998, retratados por Chaud (2000), revelam que Catalão limitava-se com os seguintes municípios neste ano: Ipameri, Campo Alegre de Goiás, Davinópolis, Paracatu, Vazante, Coromandel, Ouvidor, Três Ranchos, Cascalho Rico, Araguari, Cumari e Goiandira, em uma área de 4170km².

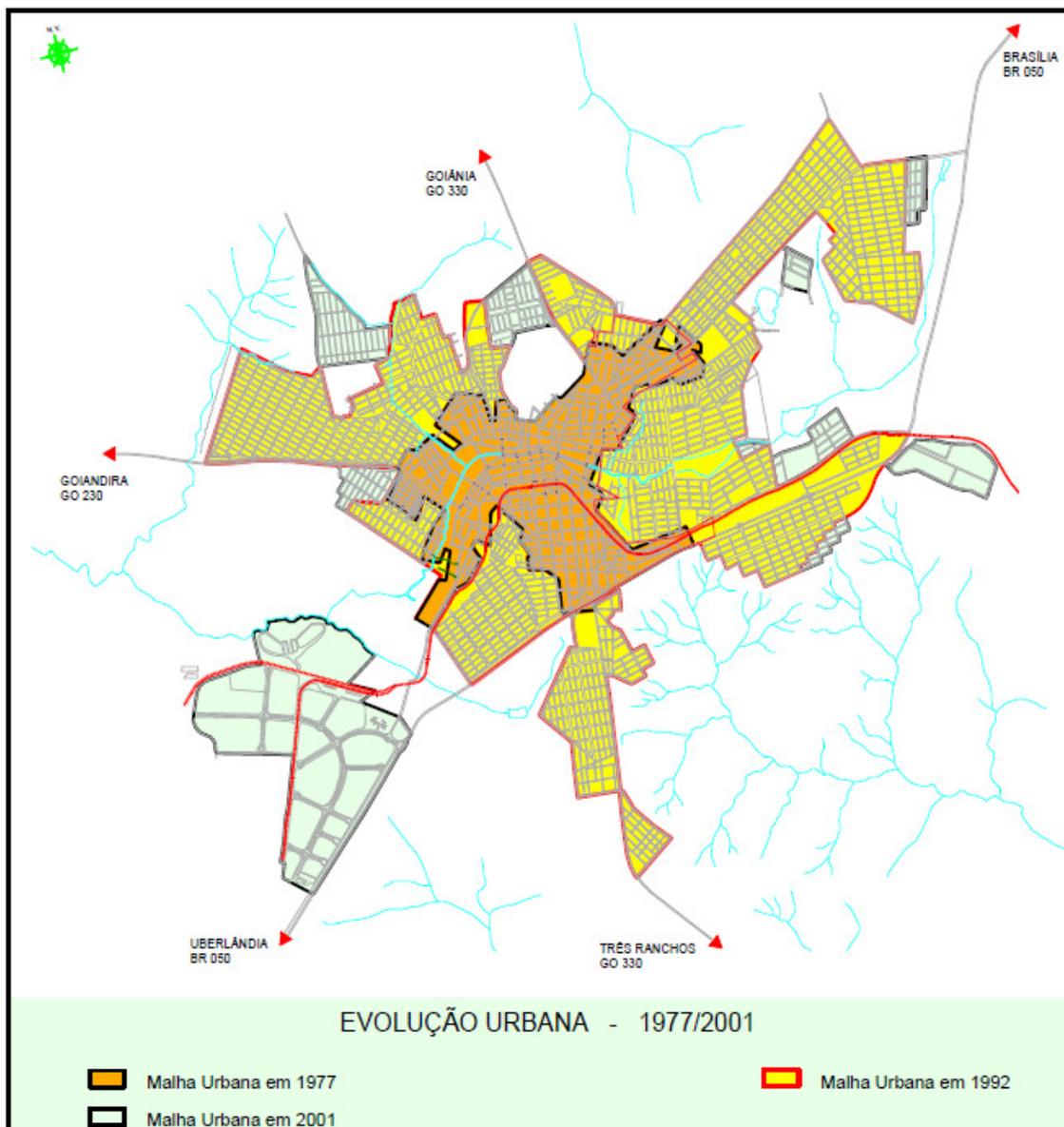
Além do crescimento populacional pelas mineradoras, várias transformações surgiram na evolução da cidade como um todo. Chaud (2000) observa que na mesma década, foi criado o Campus da Universidade Federal de Goiás, onde anteriormente era a Escola Parque de formação de professoras primárias, fator que possibilitou, juntamente com as escolas técnicas que cresceram em 1970, impulsionar jovens e adultos a procurarem continuação de seus estudos somente fora do município.

Não se pode esquecer que esse período de crescimento populacional que marcam as décadas de 1970 a 2000 (ver Mapa 02), trazido com a indústria mineradora, foi responsável pela rápida e desordenada expansão urbana da cidade com a migração dos municípios vizinhos e o êxodo rural. E essa urbanização não foi acompanhada pela infraestrutura e planejamento necessários à ocupação do solo urbano, que somente começou a ser analisada em 1977, com a inclusão da cidade no Programa Especial da Região Geoeconômica de Brasília, sendo analisada dentro de um Plano Ordenador do Espaço Urbano, como observado no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Catalão de 2002.

Observou-se que a estrutura urbana possuía três eixos indutores de crescimento, paralelos: Ribeirão Pirapitinga, Estrada de Ferro e a BR-050, que expandiam no sentido leste/oeste, representando um futuro obstáculo à transposição e mobilidade no sentido oposto da cidade.

Apesar de terem orientado a expansão para o norte, a BR-050 estabelecia o limite de ocupação ao sul, acabando por ultrapassar rodovia (como também pode ser observado no Mapa 02 e na Figura 08), gerando problemas estruturais, e criando uma desarticulação, pois não havia ainda anel viário. Isso tudo ocorreu porque o governo municipal não controlou a ocupação territorial, acabando por não cumprir o Plano Ordenador, seguido, posteriormente pelo, do Plano Diretor de 1992, que também não avançou no ordenamento territorial, principalmente no tocante às áreas de preservação ambiental, praticamente quase inexistentes na cidade nos dias atuais.

Os fatos importantes aqui mostrados marcaram o início das transformações no cenário urbano de Catalão, a partir desses anos que seguem a década de 70, principalmente a instalação do distrito industrial minerador, como já visto. Porém, no sentido abrangente de inserção regional, da qual faz ser destaque na microrregião do Sudeste Goiano, existem ainda muitos fatores, muitos dos quais já foram abordados e mencionados ao decorrer deste trabalho, mas que merecem análise para entender a posição que a cidade tem em relação às demais que fazem parte da mesma microrregião. Esses fatores compõem o próximo item deste capítulo.



Mapa 02: Expansão urbana do município de Catalão entre 1977 e 2001. Fonte: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) – Prefeitura Municipal de Catalão, 2002.



Figura 08: Fotografia aérea de Catalão na primeira década de 2000. Repara-se no canto inferior ao lado esquerdo a ocupação urbana ao sul, que ultrapassou a BR-050 (leve risco em vermelho). Foto: Arquivo pessoal do professor Laurindo Elias Pedrosa CAC/UFG. Sem data.

2.2 Fatores de destaque do município na região Sudeste goiana

Dada a sua posição geográfica, Catalão foi contemplada com vários acontecimentos regionais e nacionais que atuaram no conjunto, favorecendo o seu desenvolvimento, tais como: a chegada da Ferrovia, interligando Goiás, Minas e São Paulo; a construção de Goiânia; a construção de Brasília; e, principalmente, a construção da BR-050 e posterior asfaltamento no início da década de 70 - principal eixo rodoviário de ligação com sul e sudeste do Brasil. Dentre estes e outros fatos relevantes, a chegada da ferrovia (1908/1912) foi, no passado, o de maior impacto, que serviu para impulsionar seu desenvolvimento até chegar os dias atuais. (PEDROSA, 2001, p.35)

Os principais fatores que fizeram e fazem o município se destacar entre os demais, regionalmente, foram/são: a ferrovia, a rodovia BR-050, o Rio Paranaíba e as Usinas hidrelétricas, o Distrito Industrial/Comercial, a agropecuária e a fábrica montadora da Mitsubishi.

2.2.1 As ferrovias

Já foi dito que a ferrovia foi o elo de partida que impulsionou o crescimento urbano e a ocupação territorial por migrantes e fazendeiros interessados em terras cultiváveis e investimentos comerciais que a cidade necessitava e poderia proporcionar. A ferrovia (ver Figura 09) fez da cidade a maior arrecadadora e impulsionou a exportação.

Silva (2002) comenta que a ferrovia hoje, privatizada, teve momentos de dinamismo, levando a cidade em 1929, a ser uma das mais populosas do Estado, e momentos de estagnação ao longo do século XX. Ela se estende por uma rede territorial que engloba cidades como Goiânia, Anápolis e Catalão, em Goiás, e Araguari, Formiga, entre outras, em Minas Gerais. O mais importante deve-se ao fato de que estas cidades, especialmente Catalão, encontram-se conectadas aos portos das cidades de Santos (SP) e Vitória (ES). A participação na malha ferroviária traz uma grande vantagem locacional para as indústrias destas cidades.



Figura 09: Malha ferroviária de Catalão, que corta a cidade paralelamente ao Ribeirão Pirapitinga. Foto: NEIVA, B. A., 2013.

Por último, e não menos importante sobre as ferrovias, como vantagem regional de Catalão sobre os outros municípios, temos que, muitas cidades goianas próximas a ela, só foram criadas com a instalação delas, como afirma Lima (2003), ao descrever que as cidades de Ipameri e Catalão já existiam enquanto núcleos urbanos, diferentemente das cidades de Anhangüera (1953), Cumari (1947), Ouvidor (1953), que foram as primeiras a serem fundadas a partir da implantação da malha ferroviária, enquanto Urutaí (1947), Pires do Rio (1930) e Vianópolis (1948) foram criadas à medida que a ferrovia avançava no sentido à nova capital Goiânia. Com a desativação de alguns ramais ou com o fim do transporte de passageiros, algumas cidades perderam em importância e em termos econômicos, ou seja, estagnaram e sobrevivem de outras atividades, principalmente a agropecuária, sendo o caso de grande parte dos municípios do Sudeste goiano.

Em face aos problemas apresentados pelas rodovias, mais à frente, principalmente, o custo do transporte, as ferrovias sobreviveram e continuaram a operar, principalmente, no transporte de carga, deixando de operar no transporte de passageiros em 1979, em Catalão.

2.2.2 Rodovias

Para Pedrosa *ET AL* (2005), a partir da fundação de Brasília e da abertura da BR-050, Catalão entrou num ritmo acelerado de crescimentos cíclicos. Um pouco antes da década de 80, a agricultura semodernizou e diversas mineradoras se instalaram na região, atraídas pela infraestrutura local e pelos incentivos oferecidos pelos governos estadual e municipal. É desta época a criação do Distrito Mineral Industrial de Catalão – DIMIC - uma área destinada à instalação de indústrias minero químicas.

De um “cotovelo” geográfico de difícil acesso, a cidade veio a se inserir, com as rodovias, em uma das principais rotas comerciais do país, que chegava a São Paulo, fato que colocou sua posição geográfica em destaque aos demais municípios, mais interiorizados, como cita SILVA (2002):

Produtos, pessoas, informações e notícias ficavam mais acessíveis à Catalão do que para a maioria das cidades goianas. A capital política e a capital econômica do país se conectam passando por várias cidades, que tiveram a sua importância realçada pela rodovia, dentre elas, Catalão. (SILVA, 2002, p. 77)

2.2.3 Distrito Industrial Mineralógico

Esse contato rodovias-metrópoles foi o responsável por atrair investidores, principalmente àqueles ligados ao Distrito Industrial Mineralógico. A agropecuária obteve investimentos vindos da atividade mineradora responsável pela produção de fertilizantes, além de contar, também, com empresas interessadas em 1998, como a *Cameco/ John Deere*, responsáveis pelas novas tecnologias motoras, na área rural, como por exemplo, para produção de colheitadeiras de cana-de-açúcar.

Ainda quanto às empresas mineradoras entre Catalão e Ouvidor, temos que, além de Ouvidor ser uma cidade pequena com uma área de 414 km² e 5.467 habitantes (IBGE, 2010), as reservas localizadas em Ouvidor exercem grande influência na cidade de Catalão, pois grande parte dos trabalhadores reside e consome ali, levando o município de Ouvidor a possíveis perdas de receita. Pode estar aí parte da explicação do grande crescimento da economia na cidade de Catalão, o que não ocorreu em Ouvidor, mesmo porque a distância entre as duas é de apenas quatorze quilômetros.

2.2.4 Mitsubishi

Sobre a instalação da montadora da Mitsubishi, segundo Chaud (2000), por volta de 1996, é publicada a notícia pelo jornal O Popular, do interesse da empresa de instalar uma montadora de veículos na cidade, ocorrendo uma pesquisa, no mesmo ano, de sua localização para instalar a montadora (ver Figura 10):

[...] o presidente da empresa japonesa, Minoru Makihara, anunciou ao presidente Fernando Henrique Cardoso os planos de ampliação dos investimentos no Brasil, com a construção de uma fábrica de equipamentos de transporte em Goiás. A escolha da cidade de Catalão foi alcançada em estudo técnico que ressaltou a posição estratégica, pois fica próxima a Brasília, Triângulo Mineiro, Goiânia, Belo Horizonte e São Paulo, e pela facilidade de escoamento através da estrada de ferro. O presidente da Mitsubishi do Brasil, Eduardo de Souza Ramos, disse a montadora pretendia nos próximos três anos iniciar a fabricação de 30.000 carros anuais. (CHAUD, 2000, p. 272)



Figura 10: Fotografia da indústria montadora Mitsubishi Motors em Catalão. Foto: NEIVA, B. A., 2013.

Silva (2002) explica que Catalão se apresenta, em Goiás, como a cidade mais bem posicionada geograficamente para os interesses da *Mitsubishi*, em função da rede territorial de que ela participa. Foi justamente, a posição geográfica, um dos critérios mais importantes para a *Mitsubishi* instalar sua montadora e, com isso, estão dentre os objetivos da empresa, a mobilidade para o escoamento de peças trazidas de São Paulo e reenvio de seus produtos acabados.

Tratando-se da instalação da empresa, ainda, Silva (2002) ao indagar um funcionário da montadora sobre por que a empresa não escolheu Uberlândia para se

instalar, obteve como resposta as vantagens que Catalão tinha por não ter ali nenhuma indústria desse tipo, diferente de Uberlândia que já possuía fábricas de automóveis. Em Catalão, além da localização, a empresa teria maiores incentivos.

Sobre todos os requisitos que envolveram a alocação da Mitsubishi, pode-se analisar, segundo os pressupostos de Harvey (1994), que implicam na redução de barreiras espaciais, enfatizando as vantagens competitivas resultantes da localização da produção em um lugar mais do que em outro. Pequenas diferenças no fornecimento da mão de obra, na infraestrutura e nos recursos, são muito mais significativas agora do que quando o alto custo do transporte criava monopólios "naturais" para a produção local em mercados locais. Esse é, portanto, o contexto em que as camadas atuais do palimpsesto urbano estão sendo construídas.

Para Silva (2002) ainda, as relações comerciais entre Catalão e São Paulo também facilitaram sua instalação, visto que São Paulo representa grande porcentagem de insumos que são fornecidos para a cidade goiana:

Catalão, mais do que a maioria das cidades do Estado, sempre recebeu as novidades do sudeste, em particular São Paulo, mais rapidamente. Isto ocorre, como já foi observado, devido à sua posição geográfica próxima à região sudeste e a rede rodoferroviária de que ela participa, pois esta permite a rápida participação da cidade nas inovações sulinas. (SILVA, 2002, p.79)

Os casos, tanto da Mitsubishi, quanto das mineradoras, que possuem incentivos financeiros internacionais, e demais empresas industriais que se instalaram em Catalão e fazem parte do PIB local, seja criando empregos ou reestruturando o espaço urbano, compõem a rede urbana do município, estabelecendo, assim, uma articulação local, regional e nacional, através dos meios de comércio, exportação, importação, dentre outros.

Falando-se de rede urbana, segundo Oliveira ET AL (2008 apud CORRÊA (1989)), ela "é o meio através do qual a produção, circulação e consumo se realizam. Via rede urbana e a crescente rede de comunicações a ela vinculada, distantes regiões puderam ser articuladas, estabelecendo uma economia mundial".

2.2.5 Usinas Hidrelétricas

As Usinas Hidrelétricas (ver Mapa 03) são outro fator de crescimento e investimento econômico nos municípios do Sudeste Goiano. A região de Goiás tem uma rede hidrográfica vantajosa, por situar-se no Centro-Oeste, local onde nascem a maioria dos rios brasileiros. O Município localiza-se em terras da bacia platina,

sendo principal o rio Paranaíba, que faz na região sul do município divisa com o Estado de Minas Gerais. Ele separa Catalão dos municípios Cascalho Rico, Araguari, Coromandel e Abadia dos Dourados. Além dos rios menores: São Marcos, Veríssimo, Verde, São Bento e Ribeirão Ouvidor e dos cursos d'água, os principais sendo o córrego Pirapitinga, e o córrego do Almoço.

Em quase todos esses rios, observa Campos (1976), há grande número de quedas d'água, por ser encontrar em terreno de planalto. Essas cachoeiras chegam a ter potencia maior que 5mil HP (Hose Power). A usina no córrego Pirapitinga foi a primeira a fornecer força e luz elétrica para Catalão, Goiandira, Cumari, e Anhanguera. Sua construção, data do ano de 1919.

Em 1997, A empresa Eletric Cyberhawksassinou com o governo de Goiás um convênio para realizar o inventário do Rio São Marcos, no intuito de construir a Usina Serra do Facão (ver Figura 11), avaliada em 220 milhões de dólares, em 30 meses, que seria uma, senão a maior, usina hidrelétrica da região. Porém, em 2004 a obra ainda estava em andamento, vindo a Usina a entrar em funcionamento em junho de 2010. Ela localiza-se na zona rural do sudeste de Goiás, fixada no rio São Marcos que se encontra na bacia do rio Paraná, sub-bacia do rio Paranaíba, entre os Davinópolis e Catalão.



Figura 11: Vista aérea da Usina de Serra do Facão. Fonte: <http://www.sefac.com.br>, 2013.

2.2.6 Agropecuária

Tratando-se da atividade agropecuária, de um modo geral, sua influência regional é tratada sem tanta diferenciação na microrregião. A diferença, mais uma vez, de destaque em Catalão, deve-se ao escoamento facilitado pelas rodovias dos produtos para comercialização, além da produção agrícola em larga escala, quando da estagnação das ferrovias e das demais cidades, mas também pelo número populacional em relação às outras.

Pedrosa (2001) relata que a produção de leite e a criação de bovinos de corte geraram ao município, uma posição de destaque na região, onde 75% da área total do município é destinada às pastagens. Já a criação de outros, como frangos,

suínos, ovinos, caprinos e equinos possuem um baixo número de produtores que responde por um rebanho total muito pequeno.

A agricultura, segundo o autor, Possui grande ênfase no cultivo da soja e milho. O distrito de Santo Antônio do Rio Verde se destaca por ser uma zona agrícola bem equipada e mecanizada, com o plantio de soja, trigo, café entre outros, enquanto, Pires Belo, se baseia na criação de gado de leite e de corte, e destaca-se no plantio de alho e de tomate. Já o município como um todo, no que se refere ao comércio da produção agrícola, Chaul (1994), afirma que em seu crescimento, o arroz passou a liderar a pauta de exportação de cereais, perdendo apenas para o gado.

Ribeiro (2011) diz que segundo dados do IBGE (Censo, 2010), entre 2000 e 2010, Catalão teve um crescimento populacional de 34%, superando outros municípios do mesmo porte no estado de Goiás como Itumbiara e Novo Gama, entre outros com um crescimento bem inferior. Os fatores responsáveis por esse crescimento são as novas indústrias instaladas e os serviços:

Esta rápida transformação na produção de riqueza, principalmente, na agricultura e na indústria fez com Catalão passasse a ser o 4º município mais rico de Goiás, atrás apenas de Goiânia, Anápolis e Rio Verde. (Ribeiro, 2011, p. 124)

2.3 As características gerais do Catalão de hoje

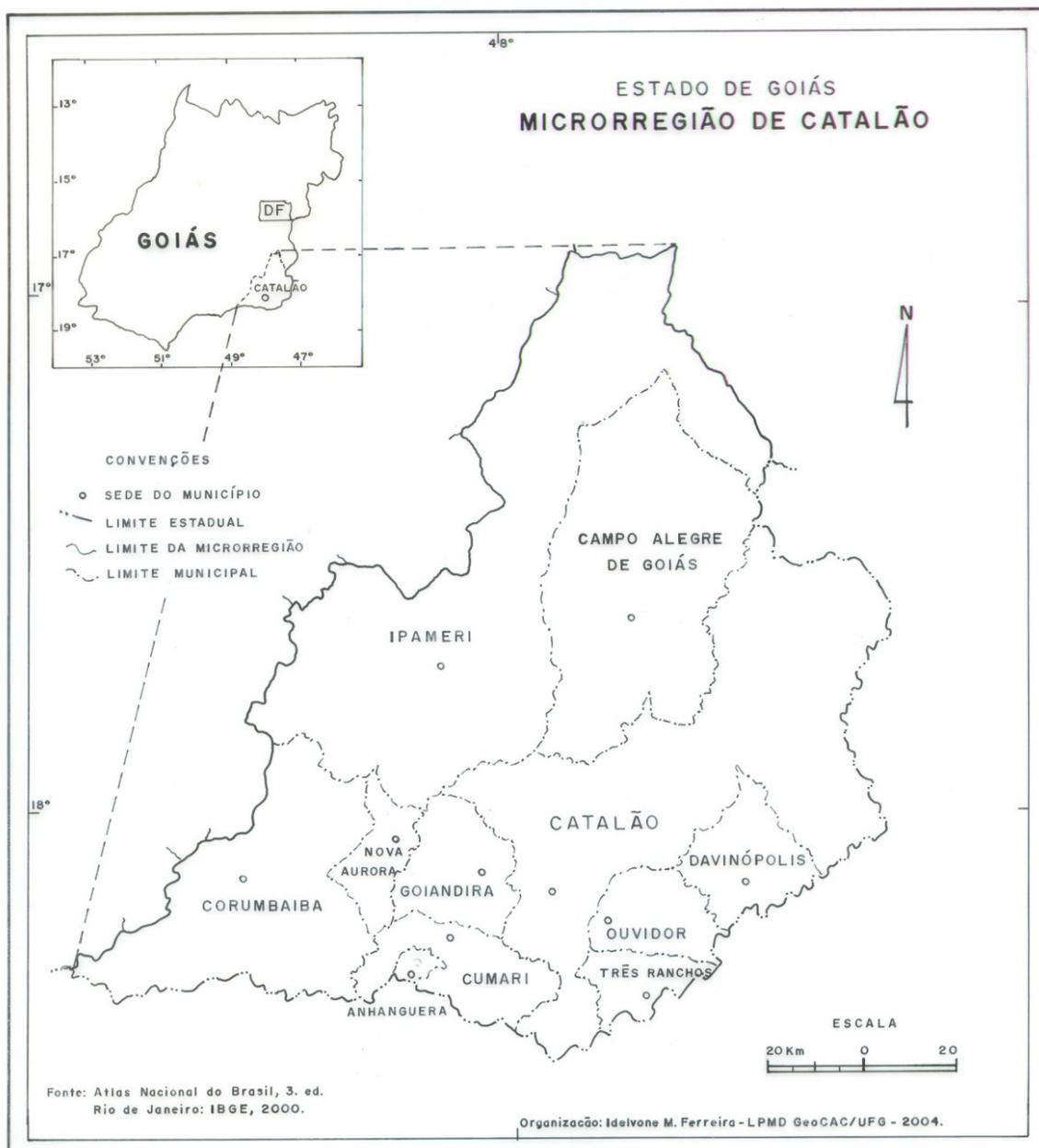
2.3.1 Dados gerais

Dados o histórico de surgimento da cidade, sua expansão, evolução urbana, seu crescimento populacional e as atividades que a dinamizam, torna-se essencial apresentá-la através de suas características gerais e transformações recentes: O município de Catalão assenta-se no planalto goiano, localizando-se no Estado de Goiás, na Mesorregião Sul Goiana e na Microrregião de Catalão - Sudeste Goiano, que é formada por 11 municípios: Ananguera, Campo Alegre de Goiás, Catalão, Corumbaíba, Cumari, Davinópolis, Goiandira, Ipameri, Nova Aurora, Ouvidor e Três Ranchos (ver mapa 04). Chaud (2000) comenta que Catalão é o mais antigo, sendo o mais recente Davinópolis, que só veio a se emancipar como município independente em 1963.

Em relação à distância dos grandes centros urbanos do país, Catalão está a 260 km da capital do Estado, Goiânia; a 287 km de Anápolis; 298 km de Brasília;

738 km de São Paulo; 110 km de Uberlândia; 560 km de Belo Horizonte e a 1171 km do Rio de Janeiro.

A sede do município situa-se a 843 metros de altitude, sendo que sua altitude média está em torno de 800 metros. Como pontos mais altos destacam-se o Morro da Saudade (atualmente, Morro de São João – ver Figura 12) com 958 metros e o Morro das Três Cruzes com 916 metros (ver Figura 13). Existem ainda alguns pontos que atingem 1000 metros de altitude como, por exemplo, a Serra de Quebra Chifre, localizada na divisa entre Catalão e Campo Alegre.



Mapa 04: Microrregião de Catalão - Sudeste Goiano e seus demais municípios. Fonte: Atlas Nacional do Brasil (IBGE) Org.: Idelvone M. Ferreira – LPMD GeoCAC/UFG. 2004.



Figura 12: Morro de São João. Foto: NEIVA, B. A., 2013.

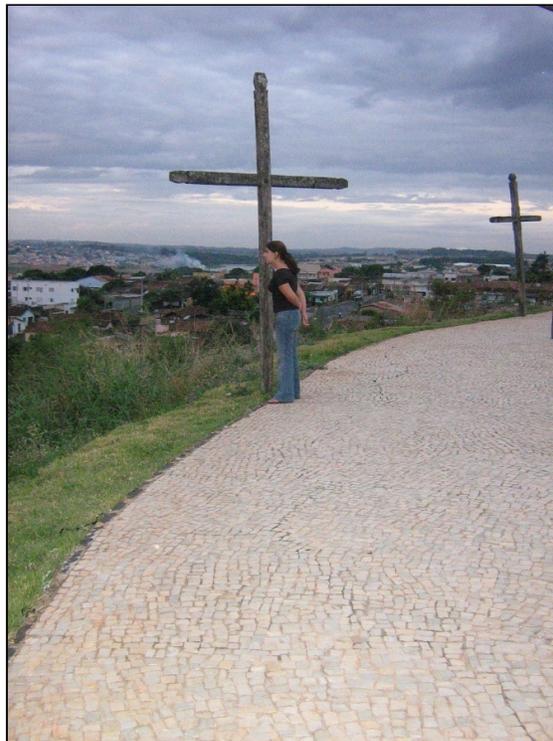


Figura 13: Morro das Três Cruzes. Foto: RODRIGUES, L. M. S., 2007.

Pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), A área urbana de Catalão é de aproximadamente 3.821,463 km². A localização territorial municipal concentra-se entre os meridianos 47° 17' e 48° 12' de longitude W (oeste) e os paralelos 17° 28' e 18° 30' de latitude S (sul). A população atual de acordo com o Censo 2010 (IBGE) é de 86.647 habitantes, distribuídos pela densidade demográfica, 22,67 habitantes/km².

Segundo Pedrosa (2001), o clima local pode ser considerado como tropical de altitude, com regime de chuvas sazonais, predominando as precipitações de primavera-verão e com estação seca, bem marcada de outono-inverno.

2.3.2 A influência das atividades econômicas nos dias atuais

Catalão, por sua vez, comenta Lima (2003, *apud* Moya, 2000), consolida-se em termos de atividades econômicas, recentemente, a partir do ano de 2000. Torna-se polo regional, tendo em seu território três grandes empresas mineradoras, uma montadora de veículos, uma fábrica de implementos agrícolas, além de ser o centro de serviços regional. Dez anos depois, em 2010, tem-se, através de gráficos do

IBGE (2010), o *ranking*do Produto Interno Bruto (PIB) das atividades na região, comparadas ao Estado de Goiás e ao Brasil (ver Figura 14):

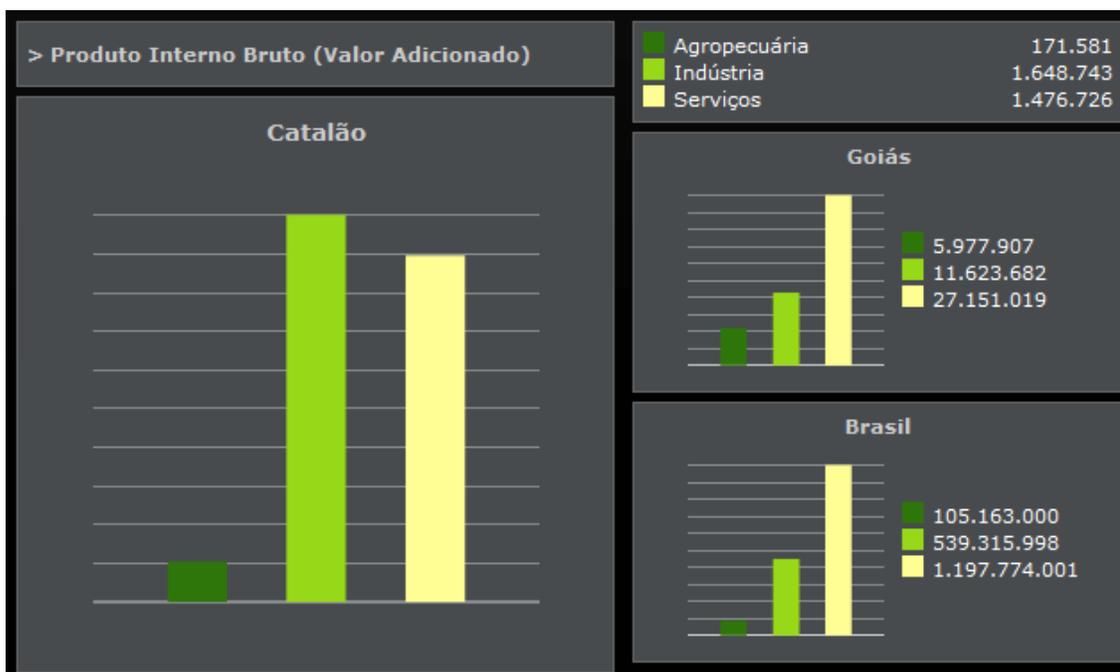


Figura 14: Gráficos comparativos do PIB do município, segundo as atividades econômicas. Fonte: IBGE, 2010.

Pelos gráficos em questão, pode-se perceber que a indústria tem sido o forte econômico do município, que neste caso refere-se às atividades da indústria mineradora. Diferentemente do Estado de Goiás e o restante do Brasil, onde predominam os serviços prestados no movimento da economia. Em contrapartida, os números para a agropecuária não foram tão expressivos em Catalão no ano de 2010, se comparados às atividades industriais e de bens e serviços. Sobre isso, comenta Ribeiro (2011):

Apesar da economia goiana se destacar no campo do agronegócio, a renda de Catalão no setor da agropecuária fica em último lugar no PIB municipal. As elevadas rendas geradas pelo setor de serviços e pelo de indústrias, que lideram com ampla margem o *ranking* estadual suplantam o agronegócio, que ocupa a 5ª colocação, no estado de Goiás, e participou do PIB com 4,45% em 2008 (SEPLAN, 2010). Os setores de indústria e de serviços, bem equilibrados, representam 49,31% e 44,43% do PIB local, respectivamente. O município exhibe um perfil industrial superior à média de Goiás. (RIBEIRO, 2011, p. 134)

Ainda de acordo com a autora, os resultados do ranking confirmam que os aspectos industriais da economia catalana, podem ser observadas também na infraestrutura de que dispõe o município, onde as atividades industriais incentivam a economia urbana.

Sobre o parque industrial e a quantidade de serviços, Ribeiro (2011), cita:

O parque industrial de Catalão chama a atenção pela diversidade de ramos de produção, como por exemplo, produtos caseiros (doces, queijos, salgadinhos, bolos e tortas, artesanatos etc.), agroindústrias, minerações, artefatos de cimento, metalurgia, cerâmica e móvel, entre outros. O crescimento industrial de Catalão tem estimulado significativamente a construção civil, tradicionalmente grande geradora de empregos. Outro ramo industrial que vem se destacando pela quantidade de mão de obra é o vestuário e calçados (SEPLAN, 2003). O setor de serviços como administração pública, comércio, alojamento e alimentação, saúde, transporte e armazenagem, comunicações e atividades imobiliárias tem se tornado representativo dentre as atividades econômicas do município. O que faz diferir a realidade de Catalão da de Goiás está no fato de que o setor secundário do município tem crescido acima do verificado em Goiás.

Entre as atividades realizadas na cidade, não se pode esquecer da produção rural familiar observada principalmente na parte noroeste do município, onde se localizam quatro comunidades importantes de agricultores: Custódia, Ribeirão, Morro Agudo/Cisterna e Mata Preta. Até porque, enfatiza Lambert (2007), deve-se levar em consideração as características socioeconômicas e socioculturais dos mesmos, pois estes produtores rurais têm apresentado dificuldades, visto que, enfrentam grandes desafios impostos na instabilidade de mercado e preço de seus produtos, fazendo com que não tenham bons rendimentos e qualidade de vida, devido às políticas agrícolas e agrárias discriminatórias que favorecem a agricultura patronal e que os têm prejudicado, diante das desvantagens em relação à produção e a comercialização de seus produtos.

Essas comunidades produzem gêneros alimentícios para o mercado interno com baixos preços, além de suprir as necessidades do grupo familiar. A atividade é vista, também, como um setor estratégico para a manutenção e recuperação do emprego e para redistribuição da renda.

Sobre o uso do espaço urbano pelas atividades econômicas no município, Corrêa (1993) comenta que ele é constituído por diferentes usos da terra e pode ser visto como uma forma espacial sem existência autônoma, existindo porque nela se realizam uma ou mais funções, isto é, atividades como a produção e venda de mercadorias, prestação de serviços diversos ou uma função simbólica, que se acham vinculadas aos processos da sociedade.

Cunha e Silva (2007, *apud* GOMES, 1995) ressaltam que a estruturação do espaço urbano não é vista sob o caráter da uniformidade espacial, mas sim das múltiplas relações que circulam e dão forma a um espaço que é internamente diferenciado. Sobre essa heterogeneidade encontrada espacialmente, Harvey (1994) diz:

O efeito na área de planejamento e desenho urbano é a criação de uma diversidade limitada dentro de uma conformidade excessiva, sugerindo que a próxima camada a ser superposta no palimpsesto urbano apresentará tantas semelhanças quantas diferenças [...]. É tão importante apreciar as forças em favor da homogeneidade quanto celebrar as diversidades superficiais e individuais. (HARVEY, 1994, p.01)

2.3.3 As problemáticas urbanas recentes

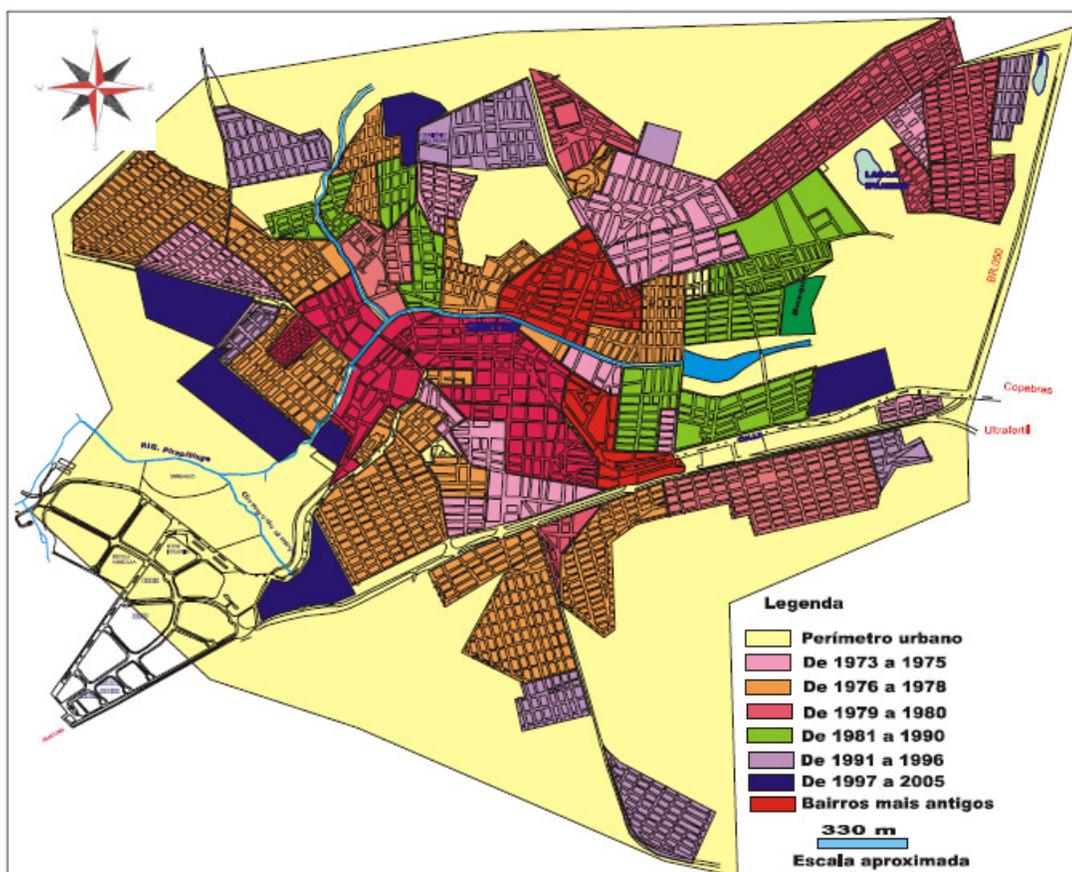
Observou-se, assim como ainda se observa, com as mudanças que Catalão passou a obter em sua paisagem urbana a partir dos anos 70, que a transformação do espaço se torna cada vez mais diversificada, obedecendo a uma espécie de hierarquia. Disso, como afirmam Cunha e Silva (2007), tem-se que o espaço não é homogêneo justamente por essa dinâmica de localização espacial das atividades, pessoas e funções. Aqui se pode acrescentar também, que não só a gama de serviços, atividades e pessoas determinam essa hierarquia, mas também as diferenças sociais observadas na disposição da malha urbana, que, no caso de Catalão, verifica-se pela acentuada periferização de grupos sociais de baixa renda.

Ou seja, o município, diante de suas transformações recentes que dinamizam a estrutura urbana, possui tanto fatores positivos, vistos até agora, como fatores negativos, que não podem deixar de ser elucidados, uma vez que a abordagem deve sempre visar melhoramentos, mesmo porque, como enfatiza Harvey (1994), “numa época de insegurança, conflito social e fluxo rápido, a tarefa ideológica de construção de uma imagem urbana torna-se tão complexa quanto socialmente significativa.”.

Corrêa (1993) comenta que o cotidiano e o futuro acham-se enquadrados num contexto de fragmentação desigual do espaço, levando aos conflitos sociais, como as greves operárias, as barricadas e os movimentos sociais urbanos. O espaço da cidade é assim, também, o cenário e o objeto das lutas sociais, pois estas visam, afinal de contas, o direito à cidade, à cidadania plena e igual para todos.

Nesse sentido, tem-se que o município de Catalão apresenta algumas problemáticas dentro desse quadro espacial explicado por Corrêa, tais como a especulação imobiliária (ver Anexo 1) decorrente do amplo crescimento urbano desenfreado, a degradação ambiental, a desvalorização dos bairros antigos bem como o descaso com a parte histórica da cidade, a desvalorização do trabalhador rural como já citado, a expropriação de camponeses com a construção da Usina Hidrelétrica Serra do Facão, assim como tantos outros.

Com a ocupação desmedida do espaço urbano catalano à partir de 1970, Martins (2007) afirma que, à partir disso, começou a segregação residencial visível na malha urbana de hoje. Para a autora, essa segregação foi ocasionada em detrimento do capital financeiro que privilegiou as camadas mais abastadas em detrimento das outras (ver Mapa 05):



Mapa 05: O processo de ocupação do espaço urbano de Catalão entre 1973 e 2005. Fonte: Prefeitura de Catalão. Org.: Edir de Paiva Bueno, CAC/UFG.

Em 2009 e em 2010, comenta Ribeiro (2011), segundo informações da Secretaria de Obras da Prefeitura, foram autorizados dez novos loteamentos na cidade e cinco estavam sendo analisados, demonstrando a expansão urbana e o descaso com a mesma. A autora observa ainda, que o processo de urbanização desenfreada e a ocupação do solo urbano causou mudanças profundas no espaço ambiental catalano, que vão desde a impermeabilização do solo à degradação da vegetação original, consequência da falta de infraestrutura que desencadearam processos de degradação ambiental e social acelerada, principalmente em áreas de risco:

O crescimento desordenado, a transformação do solo induzida pela iniciativa privada, a ausência de planos urbanísticos para a implantação de equipamentos urbanos e o descaso em relação ao meio ambiente e ao espaço público constituem desafios constantes para o governo municipal. (RIBEIRO, 2011, p. 133)

Alguns exemplos da degradação ambiental são encontrados até mesmo nas residências, onde a maioria dos quintais é cimentada. A degradação de áreas verdes que deveriam ser preservadas, como as mananciais dos rios que tiveram sua mata ciliar degradada, sendo o caso do próprio Pirapitinga, canalizado e sem nenhuma vegetação original, que corta a cidade paralelamente ao centro urbano (ver Figura 15 e 16) e o Pasto do Pedrinho, uma área de preservação ambiental localizada próxima ao Morro de São João, que está sendo ameaçada pela expansão urbana:

A expansão da urbanização em Catalão causa também alguns outros problemas, tais como: falta de arborização, principalmente na periferia da cidade, poluição do ar, principalmente pelas minerações, poluição da água, por grande quantidade de lixo, contaminação dos mananciais, degradação das nascentes do perímetro urbano, assoreamento dos cursos d'água, erosão devido ao desmatamento dos novos loteamentos. Desse modo, a qualidade do ambiente da cidade, com seus fatores naturais e sociais, vai sendo perdida, às vezes irremediavelmente. (RIBEIRO, 2011, p. 136)

Podem-se associar as mudanças ocorridas no espaço urbano de Catalão referentes à especulação imobiliária e à valorização dos bairros antigos como sendo também fatores de desterritorialização, que Borges (2007) afirma aparecer de duas formas, que se dão interligadas: na primeira pelo caráter excludente do avanço tecnológico, que é observado na modernização da agricultura que exclui os camponeses, e, no segundo, se refere à desumanização do homem, esta última, constatada muito bem na refuncionalização da cidade ao considerar a valorização dos bairros antigos e mudança de antigos moradores do centro.



Figura 15: Fotografia da Avenida Maria Raulina, Centro. Ao longo do calçadão, canalizado, se encontra o Ribeirão Pirapitinga. Foto: NEIVA, B. A. 2013.



Figura 16: Obras de canalização do alto/médio curso, dentro da área urbana, do Ribeirão Pirapitinga. Ao fundo antiga canalização. Alteração da hidrodinâmica fluvial. Foto: L. E. Pedrosa, 1998.

De acordo com o IPEA (2010/2011), pode-se observar, com o conjunto de problemáticas que vêm sendo marcantes em Catalão, os chamados “urbano dividido” e o “social dividido” da esfera urbana, sendo que o urbano dividido não faz referência apenas a um espaço fragmentado ou uma comunidade rompida por desigualdades socioeconômicas, na maioria das vezes as linhas econômicas da divisão tendem a coincidir com as barreiras sociais, culturais e políticas, que levam à desigualdade de oportunidades.

Assim como afirma Harvey (1994), “cada grupo de inovações significou uma mudança radical na maneira de se organizar o espaço, deixando, portanto, marcas muito distintas no palimpsesto urbano”, como ocorreu com o município ao longo de suas transformações.

3 Perspectivas da atualidade no cenário regional e no urbano em Catalão

3.1 O processo de refuncionalização como dinamizador da reestruturação urbana.

De acordo com Lima (2003 apud DAVIDOVICH, (1994)), em um sentido lato e até mesmo literal, a refuncionalização do espaço geográfico faz pressupor a idéia de um novo papel deste espaço, ou melhor dizendo, da elaboração de um novo espaço-tempo, que possui na cidade um caráter funcional, ou melhor, um novo valor de uso que vai se adequando na medida em que evoluem as forças produtivas. Para atender a estas novas funções, este espaço é transformado pelas demolições ou supressões, reformas ou superposições e acréscimo ou acumulação. Mas pode ser que não haja necessidade destas transformações na forma, ou que não sejam tão acentuadas, porque é o conteúdo que também refuncionaliza. O novo e o velho se misturam, mudam-se as funções, criam-se espaços, modificam outros. O centro e a periferia tornam espaços desejados por diferentes grupos sociais e o Estado, através da implantação de infra-estrutura, passa a determinar sua ocupação.

Pode-se associar, levando em consideração que o velho e o novo se misturam, as palavras de Corrêa (1993), que acrescenta que o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente. O espaço urbano, por ser reflexo social e porque a sociedade tem a sua dinâmica, é também mutável.

Catalão, após 1970, passa por um novo momento, afirma Martins (2007), deixando explícita a forma como o capital interfere e, ao mesmo tempo, se torna responsável por essa reprodução, na paisagem urbana, sendo reflexo das transformações que ocorreram ao longo do tempo. Nesse sentido, casas, prédios, lojas, praças (ver Figuras 17 à 23) e outros pontos de referência de uma cidade podem deixar de existir ou serem transformados, deslocados de local conforme vão ocorrendo as mudanças, e deixarem num primeiro momento as funções que anteriormente exerciam.

Sobre essas mudanças no município, que sofreram interferência principalmente das atividades econômicas, Lima (2003) afirma:

Empresas estrangeiras montadoras de veículos, nacionais de fertilizantes, químicos, atacadistas, entre outras passaram a fazer parte do cenário urbano a partir de meados da década de 1990, com expressivos investimentos na expansão de suas unidades e, sendo assim implementando uma nova dinâmica na economia local. (LIMA, 2003, p.104)



Figura 17: Primeira Rodoviária de Catalão, demolida em 1960. Hoje localiza-se aí a Prefeitura. Fonte: Museu Cornélio Ramos. Prefeitura Municipal de Catalão. Sem data.



Figura 18: Segunda rodoviária, funcionou no Morro das Três Cruzes nas décadas de 70 à 90. Verificar a Figura 14, atual, onde o Morro das Três Cruzes foi revitalizado. Hoje funciona uma

espécie de centro cultural, onde ocupa-se o espaço para exposições e palestras. Fonte: Museu Cornélio Ramos. Prefeitura Municipal de Catalão. 1980.



Figura 19: Rua do Comércio (hoje 20 de Agosto), em 1935. Onde se avista ao fundo a Praça da República (hoje Getúlio Vargas) e à direita o Edifício NasrFaiad, construção em estilo artnouveau, com interior e tetos pintados por Ettore Clerice (CHAUD, 2000). Fonte: Centro Cultural Maria das Dores. Prefeitura Municipal de Catalão, 1935.



Figura 20: Avenida 20 de Agosto por volta de década de 20. Repara-se na concentração de casas que haviam, principalmente ocupada por famílias abastadas, de coronéis ou vinculados à eles. Fonte: Museu Cornélio Ramos. Prefeitura Municipal de Catalão. Sem data.



Figura 21: Praça Getúlio Vargas na década de 20. Fonte: Museu Cornélio Ramos. Prefeitura Municipal de Catalão. Sem data.



Figura 22: Praça Getúlio Vargas na década de 80. Prédio ao fundo funcionava o cinema datado de 1960. Ao lado direito dele, um barzinho onde antes foi uma residência de coronel. Fonte: Museu Cornélio Ramos. Prefeitura Municipal de Catalão. Sem data.



Figura 23: Praça Getúlio Vargas hoje. Prédio ao fundo que funcionou o cinema até os primeiros anos de 2000. Foto: NEIVA, B. A. 2013.

Borges (2007) acrescenta que o território aparece como o lugar, espaço físico e social, do domínio dos modos de vida que, ao sofrerem mudanças apresentam situações propícias ao movimento migratório e, conseqüentemente, acarreta a perda da identidade do lugar e do sujeito. Entretanto pode-se discordar do autor quanto à essa perda de identidade em determinados casos. Catalão, apesar das múltiplas transformações ocorridas em seu espaço urbano, convive ainda com grande parcela de seu passado, mesmo que não totalmente valorizado, como é o caso de poucas construções históricas tombadas como patrimônio histórico, porém a cultura e as tradições são passadas de gerações em gerações, e mesmo que tenham ocorrido mudanças em algumas tradições com a refuncionalização cultural, as raízes serão sempre resgatadas.

Mas, voltando às questões migratórias, Democh (2009) explica que essa gente nova, com hábitos diferentes trazidos de outras cidades, possuidoras de maior poder aquisitivo, misturou-se com os habitantes locais, valorizando as coisas, modificando costumes, dinamizando tudo. Tanto a migração quanto a adaptação

dessa população com a população local, é decorrente da vinda das mineradoras, que foram responsáveis pelas primeiras mudanças funcionais:

Com a vinda das minerações, muda o poder aquisitivo da população e as reformas e as derrubadas das velhas casas são eminentes, assim como novas construções são efetuadas para atender a demanda da nova população. (Democh, 2009, p. 69)

Tanto a forma como os conteúdos são alterados e adquirem novas funções, adaptando-se, reafirma Lima (2003). Residências são demolidas e substituídas por modernas construções comerciais, outras são adaptadas a determinados usos, outras simplesmente mudam suas funções originais (ver Figuras 24 e 25). É a produção e reprodução do espaço, do capital e da sociedade como um todo. Um exemplo é a área central compreendida pelas ruas 20 de Agosto, Avenida Raulina Fonseca Paschoal e adjacências, outrora residencial, tornando-se o centro comercial e bancário, com um comércio variado assemelhando-se a um “Shopping horizontal” (ver Figura 26).



Figura 24: Avenida 20 de Agosto ao final da década de 80. A loja no canto direito foi uma readaptação de uma antiga residência para atender ao comércio. Fonte: Museu Cornélio Ramos. Prefeitura Municipal de Catalão. Sem data.



Figura 25: Mansão da Família Fayad, hoje pertencente ao prefeito Jaridel Sebba. A parte inferior foi adaptada ao comércio, mas a parte superior não possui utilidade. Inclusive, dizem os moradores da cidade, que a mesma está sempre fechada. Foto: NEIVA, B. A. 2013.



Figura 26: Avenida 20 de Agosto, antiga Rua do Comércio, onde situavam-se as residências das figuras políticas influentes no século 20. Hoje totalmente refuncionalizada, para atender ao comércio. Foto: NEIVA, B. A. 2013.

Como resultado, ocorreu a modificação da anterior configuração interna dos bairros até então claramente heterogêneos. Estes novos bairros, surgidos de loteamentos recentes, não só introduziram novos arranjos espaciais como também fizeram com que, socialmente, ocorresse a reestruturação interna dos bairros mais antigos. Assim, a paisagem urbana passou a exibir a inserção destes novos grupos sociais e a elaboração de um novo rearranjo do espaço urbano. Ribeiro (2011) ressalta que:

Com a valorização dos bairros tradicionais, muitos moradores antigos, se deslocaram para os novos bairros periféricos. Isto ocorreu em função do encarecimento do custo de manutenção da moradia, da diminuição da qualidade de vida decorrente da transformação de ruas, antes pacatas em movimentadas e valorizadas áreas comerciais. (RIBEIRO, 2011, p. 128)

Harvey (1994) esclarece que a descentralização global, mudanças inter-regionais e a desconcentração urbana tanto da população quanto da atividade econômica ameaçaram os modelos anteriores de vida urbana. Isso pôde ser observado em Catalão com a migração de moradores antigos do bairro central para outros bairros da cidade por causa da alta valorização do centro, que deixou grande parte de ser residencial e passou a ser comercial em sua refuncionalização. Observa-se isso nas avenidas que antecedem e procedem a 20 de agosto. Um bom exemplo é a Rua Dr. Willian Faiad, transversal ao Hospital da cidade que leva o mesmo nome, e algumas paralelas a esta, que em meados do final de 90 ainda eram residenciais. Inclusive, construções históricas, não tombadas como patrimônio histórico e/ou cultural foram brutalmente desvalorizadas e derrubadas para a construção de unidades comerciais. As unidades residenciais que não sofreram demolições foram reestruturadas para abrigar funções comerciais.

Conversando com moradores antigos que residiam no centro da cidade, tem-se o caso particular de Maria Regina Lima Neiva, que apesar de não ter nascido na cidade, é moradora há 62 anos. Conta ela, residente durante anos da “Rua Dr. Willian Faiad, número 80. Bairro Central”, que todas as ruas eram residenciais, e a 20 de Agosto, que era uma mistura de residencial com comercial nos anos 60: *“os vizinhos todos se conheciam e se reuniam nas frentes de suas casas para conversar, colocavam cadeiras no portão. Ouvia-se os carros passarem, fazendo o barulhinho das pedras (paralelepípedos). Era uma típica cidade de interior, haviam muitas charretes que recentemente desapareceram, por volta dos anos 90. Minha rua era toda cheia de casas antigas, que foram derrubadas, muitas por perigo de*

desabamento”. A moradora diz que a casa dela está lá até hoje, sendo a última da rua, que foi reformada por várias vezes, até ela se ver sozinha numa rua comercial com prédios baixos ao redor de sua casa e sem segurança, de onde se mudou em 2008. Por causa das derrubas e construções das comerciais, a casa ficou “encurrallada” por prédios e encheu-se de rachaduras. Ofereceram pouco pelo terreno, visto que a casa não tinha tanto valor, pois seria derrubada para a construção de prédios, aí sim seria novamente valorizado o local, pela especulação imobiliária. Dona Regina não quis se desfazer de sua casa, então, com algumas reformas foi refuncionalizada para escritórios de advocacia.

Assim como este caso particular, existem vários. Catalão não possui valorização de sua história como seria necessário, através de tombamentos patrimoniais históricos, sendo que são poucos os exemplos, como algumas casas de figuras importantes da primeira república, no final da 20 de agosto, onde antigamente era a rua onde residiam os coronéis (ver Figuras 27 à 30). Outro caso é o Morro de São João e o Museu Cornélio Ramos - antiga Estação Ferroviária. Sobre essa arquitetura antiga, que está desaparecendo, Ribeiro (2011) relata:

O que se pode observar é que a arquitetura urbana atual não guarda muitas características do período do seu surgimento. A cidade sofreu alterações importantes na sua malha urbana, principalmente, em relação a sua dimensão. (RIBEIRO, 2011, p. 130)



Figura 27: Avenida 20 de Agosto por volta de 1910. Repara-se na diferença histórica que infelizmente não se manteve com o tempo. Fonte: Museu Cornélio Ramos. Prefeitura Municipal de Catalão. Sem data.



Figuras 28 e 29: Comparativo do trecho da mesma avenida (rua dos coronéis), 20 de Agosto, da década de 50, e em 2013, respectivamente. A marcação na primeira foto refere-se a uma antiga residência, da família Sampaio. Na segunda figura, hoje, a mesma residência, desativada e em perigo de desmoronamento, fato confirmado por uma senhora da mesma família que mora duas casas após. A residência ao lado, de pintura vermelha, foi local onde funcionou o primeiro telégrafo de Catalão, atualmente uma loja de brinquedos. Fonte: (29) Museu Cornélio Ramos, Prefeitura de Catalão. Sem data; (30) NEIVA, B. A. 2013.



Figura 30: Antigas residências restauradas. A primeira pertenceu à Família Netto, e a segunda, à Bernardo Guimarães. Foto:NEIVA, B. A. 2013.

Esse é o lado negativo da refuncionalização. Tratando-se, ainda, da convivência espacial entre o novo e o velho na cidade, Harvey (1994) comenta que em alguns casos, as camadas anteriores são de origem realmente antiga,

enraizadas nas civilizações mais velhas, cujas marcas ainda podem ser percebidas por trás do tecido urbano de hoje. Mas mesmo cidades relativamente recentes contêm camadas distintas acumuladas em fases diversas no tumulto do crescimento urbano caótico gerado pela industrialização, pela conquista colonial e pelo domínio neocolonial, em ondas de mudança especulativa e modernização. Nos últimos duzentos anos, essas camadas parecem ter se acumulado de forma ainda mais compacta e rápida, como reação ao crescimento da população, ao forte desenvolvimento econômico e a consideráveis mudanças tecnológicas(ver Figura 31).



Figura 31: Uma das avenidas que dão acesso ao Morro de São João. Nota-se o asfalto mais novo desgastado, expondo partes dos paralelepípedos daí não retirados, da década de 60. Foto: NEIVA, B. A. 2013.

Pode-se considerar então, levando em conta os processos de urbanização, tanto em Catalão quanto em várias cidades brasileiras, que a rápida expansão urbana é uma das responsáveis pela refuncionalização. E esta pode se tornar responsável pelo grande número de desterritorialização, como foi o caso dos sertanejos ou camponeses, em decorrência da modernização da agricultura, que, para Borges (2007), é um processo que está envolto em significados que se expressam na simbologia estética da paisagem de um território, no ato de sua refuncionalização:

No que diz respeito ao processo de desterritorialização promovida pela modernização da agricultura no Estado de Goiás, este se constitui na refuncionalização produtiva do território, promovendo deslocamento populacional no sentido campo/cidade e rupturas na vida cotidiana e temporal deste grupo social. (BORGES, 2007, p. 01)

Segundo Lima (2003), o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (P.D.D.U.) de 2002, estabelece a obrigatoriedade do Governo Municipal com o planejamento e a expansão da cidade, entendendo como planejamento a resolução racional dos problemas urbanos. Quanto às proposições iniciais do P.O.E.U. pode ser observado que: o centro residencial foi quase totalmente refuncionalizado, tornando-se o centro comercial mais importante da cidade, com seus moradores deslocando-se para a “periferia”; o Clube do Povo que seria uma área verde para recreação e esportes tornou-se apenas um fator de valorização do solo urbano; a antiga estrada de ferro que deveria ser retirada, foi revitalizada, tornando-se atração turística da cidade com passarelas ao longo dos trilhos e um museu na antiga estação ferroviária (ver Figuras 32 à 34) e; as margens do Ribeirão Pirapitinga que seria área de preservação ambiental, se tornou uma das principais avenidas da cidade.



Figuras 32 e 33: À esquerda, a primeira Estação Ferroviária, datada de 1913; e à direita a mesma na década de 70, depois de sua edificação de 1940. Fonte: Museu Cornélio Ramos. Prefeitura Municipal de Catalão. Sem data.



Figura 34: Estação ferroviária hoje, revitalizada, onde funciona desde 2003 o Museu Cornélio Ramos, que possui fotos, quadros, móveis, dentre outros, que contam a história do município.

Sobre a Ferrovia, que completou em fevereiro deste ano seu Centenário (ver Anexo 2), relata ainda Lima (2003), esta, volta à atividade, refuncionalizada (ver Figuras 35 e 36), como dito anteriormente, em 1990, especificamente em Catalão, a partir do momento em que passa a ser utilizada no transporte de minérios para as indústrias de fertilizantes situados em Uberaba (MG) e Cubatão (SP). A Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA) foi privatizada e passou a ser exclusiva no transporte de minérios das empresas mineradoras de Catalão e Ovidor. Silva (2002), acrescenta:

Essa estrada de ferro, que enfrentou a estagnação durante os anos 40, 50 e 60, foi dinamizada com a exploração de fosfato e nióbio nos municípios de Catalão e Ovidor, no final dos anos 70. A exploração mineral, além de dinamizar a ferrovia, fez de Catalão a maior e mais rica cidade do Sudeste Goiano e uma das mais prósperas do Estado. (SILVA, 2002, p. 78)



Figura 35: Momento no qual o trem se desloca nos trilhos, atravessando paralelamente a cidade. Foto: NEIVA, B. A. 2013.



Figura 36: Exemplo de um dos vagões, deslocando minérios, ao qual pode ler “fca”, indicando a empresa Ferrovia Centro-Atlântica. Foto: NEIVA, B. A. 2013.

Concluindo sobre a polêmica da refuncionalização, cita-se um pensamento de Harvey (1994, p. 01) que pode traduzir exatamente a dificuldade que o meio urbano, em geral, possui em lidar com essas mudanças: *“Os planejadores, arquitetos e desenhistas urbanos enfrentam um problema comum: como planejar a construção da próxima camada no palimpsesto urbano de forma a combinar aspirações e necessidades futuras sem violentar em demasia tudo o que já foi feito antes”*.

3.2 Pensando as trajetórias futuras

[...] a cidade, ao mesmo tempo em que favorece o processo civilizatório, pois demanda, na difícil tarefa de construir espaços amigáveis, relações sociais solidárias, exige uma ação social cada vez mais sofisticada, em que os conflitos possam ser resolvidos progressivamente de forma mais democrática, mais justa, mais rica, sobretudo culturalmente, mais sadia e sustentável.(BRAGA E CARVALHO, 2004, p. 02)

Novas perspectivas se abrem em relação aos papéis a serem traçados para o município de Catalão, e com elas, muitas e novas interrogações vão surgindo para pensar a organização da cidade e seus reflexos na paisagem urbana. Assim sendo, busca-se compreender como a dinâmica das relações de produção vigentes na cidade, através das atividades econômicas que a movem e a transformam, estruturam-se, e como ocorrem as relações sociais neste espaço, considerando suas peculiaridades.

A cidade cresceu e ainda cresce muito em termos de produção e índice demográfico. As atividades estão lá, gerando vultosos lucros, mudando a estrutura urbana a todo tempo, expandindo e criando bairros, dentre tantas outras transformações. Não há dúvidas do potencial da cidade e o que a mesma gera de possibilidades. Por isso, as perspectivas “no urbano” e “no regional” aqui tratadas, possuem o sentido de buscar o que a cidade precisa e o que se espera que possa ser feito para melhorar a qualidade de vida da população, a cidadania, o planejamento urbano e ambiental, de forma que as relações de produção e sociais sejam igualmente beneficiadas.

Segundo Braga e Carvalho (2004), tem-se como significado de cidadania:

[...] conjunto indissociável de direitos e deveres do indivíduo, perante o Estado e a Sociedade, os quais caracterizam a democracia. A cidadania fundamenta-se nos princípios da lei e da igualdade: todos são iguais perante a lei e todos têm o direito de participar, direta ou indiretamente, do processo de elaboração dessas mesmas leis (participação política). A cidadania implica, ainda, direitos sociais ou, como bem coloca Marshall (1967), o “direito de participar, por completo, na herança social, e levar a vida de um ser civilizado de acordo com os padrões que prevalecem na sociedade.” (BRAGA E CARVALHO, 2004, p. 15)

Como já foi visto, Catalão apresenta inúmeros problemas urbanos decorrentes da expansão sem medidas, onde a demanda por infraestrutura não acompanhou/acompanha o crescimento dos níveis de produção econômicos. Muito pelo contrário, as tendências têm sido inversamente proporcionais. Observa-se que Catalão representa regionalmente a quinta melhor economia do Estado de Goiás,

segundo o IBGE (2010), e é claro que o crescimento populacional contribuiu favoravelmente para isso, gerando mão-de-obra e fazendo circular a economia local. Em contrapartida, o uso e ocupação do solo, tanto para a produção econômica, quanto para a habitação, se deram de forma desequilibrada na configuração da malha urbana, sem planejamento e sem intervenções governamentais, como já observados nos Planos Diretores, ocasionando o surgimento e o agravamento de tais problemas.

Procura-se, então, almejar perspectivas que busquem alternativas para solucioná-los, levando em consideração “o direito à cidade”, retratado pelo IPEA (2010/2011), bem como analisando a problemática em torno do crescimento econômico: “resolução de problemas ou criação de novos?”.

Frente à isso, diversos debates estão sendo realizados, principalmente por estudantes e professores universitários, no intuito de analisar esses problemas e compartilhar informações com a população local, a fim de promover sua participação. Exemplo disso são alguns programas criados pelo curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão: o Pirapitinga Vivo; o Movimento pela criação da Reserva ambiental Pasto do Pedrinho; o NEPSA (Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais); as bolsas de estudo das quais os alunos se integram, vinculadas aos movimentos sociais do campo e a agricultura familiar; dentre outros, que correspondem às discussões sobre as mudanças sociais e ambientais das quais Catalão necessita.

Partindo do pressuposto que o crescimento econômico da cidade, apesar de significativo, ocasionou-se de forma a desejar, quanto à gestão pública e territorial, obtendo como consequência o desordenamento urbano através das principais atividades produtivas ali inseridas, torna-se essencial questionar os benefícios e prejuízos que pesam sobre o desenvolvimento do município. Enfatizando essa discussão, Neto (2013) comenta:

Nos últimos anos tem sido constante a divulgação de informações sobre as potencialidades econômicas de Catalão. [...] Tal situação tem representado fator de satisfação para gestores públicos, devido às altas arrecadações de impostos – o município possui uma das maiores arrecadações Per capita de Goiás – para o comércio local, incluindo todo o setor de serviços que é uma referência regional, aos trabalhadores, diante da grande oferta de empregos. E principalmente, para os empresários que são os maiores beneficiados que veem as suas taxas de lucros cada vez mais ampliadas diante dos investimentos realizados. Os recentes anúncios da ampliação de investimentos no parque industrial, sobretudo no setor automobilístico [...] e da produção minero-química [...] sem ignorar o agronegócio que através da DuPont Pioneer instalou em novembro/2012 uma de suas maiores unidades

produtoras de sementes no mundo, notícias que deixam claro que o ciclo de pujança econômica de Catalão, continua em franco progresso. No entanto, pode parecer contraditório, mas essa é uma situação preocupante para a sociedade local, frente a diferentes impactos sociais e ambientais que visivelmente são percebidos na cidade. (NETO, 2013, p. 01)

Sobre a disparidade existente entre as relações sociais e produtivas no meio urbano aos moldes do sistema capitalista de produção, tem-se que, de acordo com o IPEA (2010/2011), o “direito à cidade” se apresenta como um desafio ao desenvolvimento excludente, à partilha seletiva dos benefícios no intuito de barrar a marginalização e discriminação, as desigualdades históricas e socioeconômicas, a miséria absoluta, a degradação do meio ambiente e os cada vez mais frequentes desastres naturais relacionados com as mudanças climáticas.

Tal afirmação reflete verdadeiramente o que os problemas urbanos decorrentes do crescimento econômico e de suas atividades produtivas controvertem nos anseios da sociedade, influenciando gradativamente na tomada de decisões da gestão municipal, fazendo com que a maneira de pensar o direito à cidade não seja firmada na prática, como se deveria.

Decorrente a isso, Bueno (2007) reafirma, tratando-se da problemática sobre a especulação imobiliária cada vez mais intensiva, que o espaço urbano é elaborado à partir de arranjos institucionais, em parte pelo estado em suas diferentes instâncias (nacional, estadual e municipal) e pelos agentes econômicos e sociais. Como inovação, parcelas, cada vez mais significativas, de habitantes urbanos atuam no sentido de buscar alternativas para as normatizações impostas, que visam disciplinar a ocupação e o uso do solo urbano. Porém, as normas e arranjos institucionais têm tido, mais que qualquer outra, a finalidade implícita / explícita de possibilitar que o capital imobiliário se apodere de amplas parcelas do solo urbano, auferindo renda, criando áreas de especulação e de reserva de valor para futuros parcelamentos, bem como para demarcar os espaços sociais.

Outra problemática já citada e aqui tida como exemplo de ênfase nas relações produtivas no meio urbano sobre as relações sociais, confirmando a contradição entre ambas: a fumaça liberada no ar pelas mineradoras, a principal atividade econômica da cidade, causa poluição atmosférica intensa, contribuindo para o mal odor da cidade, sem mensurar a toxicidade que se prolifera e o “efeito bolha”, resultante do aumento da temperatura local em decorrência da poluição do ar.

Quanto a isso, também, é importante ressaltar que as divergências entre os habitantes e o governo municipal, de nada têm surtido efeito, agravando cada vez mais os problemas urbanos. Essa polêmica é levantada pelo IPEA (2010/2011):

Um grande número de pessoas, especialmente no mundo em desenvolvimento, não é totalmente beneficiada pela “vantagem urbana”, não participa das tomadas de decisão nem usufrui dos seus direitos e liberdades fundamentais [...] direito com o acesso irrestrito aos serviços, liberdade de opinião e participação, assim como acesso equitativo às oportunidades: “Esse direito é, no seu sentido mais amplo, endossado pelos tomadores de decisão. (IPEA, 2010/2011, p. 20)

Prova disso são acontecimentos recentes, como exemplo, o ocorrido na data deste primeiro de março de 2013. Houve forte chuva ao final da tarde, ocasionando alagamento do Centro da cidade (20 de Agosto, Avenida Raulina), Avenida Lamartine, dentro outro locais, inclusive na altura do Catalão Shopping (ver Figuras 37 à 40). Esse acontecimento já era esperado, visto que, não há arborização suficiente e nem grande quantidade de solo que possa absorver a água das chuvas, assim como a retirada da vegetação original – desde o surgimento e a ocupação do povoado de Catalão – e da canalização do Ribeirão Pirapitinga, fatores que contribuem crescentemente para a ocorrência de enchentes e drenagem insuficiente, alertadas desde sempre por professores e estudantes universitários do curso de Geografia da UFG/CAC. Maiores detalhes podem ser vistos no site do Portal Catalão e no artigo de opinião de Stacciariniet al (2013) (ver Anexo 3).



Figuras 37 e 38: À esquerda, o Catalão Shopping; e à direita a Avenida Lamartine. Foto: OLIVEIRA, R. de. 2013. Fonte: Portal Catalão (www.portalcatalao.com.br). 2013.



Figuras 39 e 40: À esquerda, Avenida Raulina e o nível de água do Ribeirão Pirapitinga, subindo; e à direita, uma das ruas residências do Centro, beirando os trilhos. Foto: OLIVEIRA, R. de. 2013. Fonte: Portal Catalão (Disponível em: www.portalcatalao.com.br). 2013.

Ou seja, esse caso comprova que, além das transformações urbanas decorrentes do crescimento demográfico vertiginoso - em função do processo participativo nos meios de produção que dinamizam o município - os gestores públicos demonstram descaso com as demandas sociais, até àquelas pressionadas pela população.

Infelizmente, tal polêmica desigual do urbano dividido, tratando-se aqui, também da divisão “crescimento econômico x demandas sociais que garantam melhorias para a população” como inseridas nessa divisão, perceptível no crescimento desordenado de Catalão, Corrêa (1993), constata, que o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, e que esta divisão articulada é a expressão espacial de processos sociais, que pode-se inferir um terceiro momento de apreensão do espaço urbano, como reflexo da sociedade.

Todavia, há de se pensar assim nas futuras perspectivas, como sendo o “outro lado da moeda” que não têm recebido o mesmo destaque pelos diferentes veículos de imprensa. Neto (2013) reafirma e refere-se também à situação similar a posição dos gestores públicos, sobretudo, dos órgãos que tem a finalidade de garantir o cumprimento dos mecanismos de controle ambiental, bem como da qualidade de vida da sociedade e de forma especial dos trabalhadores das empresas instaladas no município.

Tratando-se ainda dessa disparidade encontrada na estrutura física das cidades, Braga e Carvalho (2004) esclarecem:

A cidade é produto e condição de reprodução de uma sociedade. Sua estruturação física em diferentes bairros, ricos e pobres, setores urbanos, salubres e insalubres, apropriações da natureza, centros e periferias são a manifestação das relações sócio-econômicas, do acesso desigual aos meios e condições de produção e de trabalho, historicamente determinadas. Em suma, a estruturação interna de uma cidade reflete a

organização social tanto na sua produção como na distribuição dos seus bônus. Assim, lutar por uma cidade melhor é antes de tudo lutar por uma sociedade mais justa, implicando mudanças nas relações econômico-sociais. (BRAGA E CARVALHO, 2004, p. 09)

É pensando a cidade inclusiva que o IPEA (2010/2011) deixa sua reflexão, em cinco passos estratégicos práticos, que possam contribuir, de alguma forma, para a promoção de uma cidade inclusiva: avaliar o passado e mensurar o progresso; estabelecer instituições novas, mais eficazes, ou fortalecer as existentes como for necessário; construir novos vínculos e alianças entre as várias esferas de governo; desenvolver uma visão sustentada, abrangente para promover a inclusão; e, por fim, garantir uma redistribuição justa das oportunidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se com esta pesquisa, analisar as transformações urbanas da cidade de Catalão (GO) através e, explicando, as relações e fatores que consolidaram e consolidam sua estrutura atual. De início, através de Lima (2003), Campos (1976), Chaul (1994), Chaud (2000), Ramos (1984), Democh (2009) e Gomez (1994), foram apresentados estudos históricos e geográficos da cidade e de sua formação urbana, de modo a entender como se definiu essa ocupação inicial, que veio a se tornar o principal município do sudeste goiano.

Sendo assim, foi possível responder à problemática da pesquisa, de auferir, de que maneira e através de sua inserção regional, ocorreram as transformações na estrutura urbana de Catalão desde a década de 70, até os dias atuais, bem como atingidos os objetivos: relatar historicamente e geograficamente o surgimento e o crescimento da cidade de Catalão, investigar sua inserção regional no Estado de Goiás e as transformações ocorridas no espaço urbano e, compreender o cenário regional e urbano, atual da cidade.

Verificou-se e compreendeu-se como os processos de transformação do espaço urbano de Catalão aconteceram de forma rápida e descontínua, resultando, de forma benéfica aos meios de produção e crescimento econômicos, porém, de forma degradante e sem mensura, na ocupação desmedida da malha urbana, ocasionando diversos e graves problemas urbanos, como verificados no último capítulo.

Sobre essa forma de ocupação, as mudanças ocorridas na malha urbana e de sua refuncionalização, é possível verificar ainda, que o município apresenta em sua morfologia, pouco de seus tempos históricos anteriores: a área central, constituída pelo que antes foi o núcleo histórico, hoje se configura totalmente refuncionalizada. Algumas das poucas construções mais antigas, que foram mantidas, são utilizadas para outras funções, porém grande parte permanece degradando com o tempo, sem qualquer revitalização sequer que possa valorizar parte da história da cidade.

A refuncionalização da cidade se deveu ao rápido crescimento urbano e aos meios tecnológicos que acompanharam esse crescimento pela necessidade da dinamicidade das redes urbanas, que, de acordo com Oliveira *et al* (2008), se configuram como elementos mutáveis, que a todo o momento se readaptam a uma nova configuração das suas formas para atender as novas e constantes mudanças.

Porém, deve-se pensar a maneira contraditória com que a cidade dos moldes capitalistas repensa a evolução urbana, sem levar em consideração a qualidade de vida populacional, como está sendo o caso de Catalão, diante de seu crescimento econômico, e sem pensar na estrutura social que abarca a cidade.

Foi possível perceber que a propagação das transformações e do crescimento urbano da cidade ocasionou-se no período de instalação das mineradoras na década de 1970. Em consequência do aumento populacional decorrente da atividade mineradora, é a partir daí que iniciam-se, os principais problemas urbanos: a especulação imobiliária, a degradação ambiental, a falta de gestão e planejamento urbano, e infraestruturas maiores que atendam à demanda social.

Da dinâmica refuncional aos meios pelos quais se deram as transformações no espaço urbano, movimento que provocou e provoca a heterogeneidade espacial comentada por Ribeiro (2011) - através da reestruturação principalmente dos bairros antigos - e por Harvey (1994), foram responsáveis pelo fenômeno de especulação imobiliária, averiguados de forma que o local onde concentram os serviços, o comércio em geral, apresentam os mais elevados preços da terra, decorrentes de sua utilização. Já nos bairros residenciais, a periferia - através das moradias populares e constituídas pela população de baixa renda - se encontra afastada do centro, onde o valor da terra é mais baixo, locais esses, que também abrangem aquela população que migrou do campo em busca de melhores condições, ou simplesmente por falta de alternativas.

Foram analisados os principais fatores responsáveis pela inserção de Catalão como destaque regional, estabelecendo relações entre o crescimento da população e as funções as quais a cidade adquiriu ou perdeu ao longo dos anos, possíveis concomitantemente com a importância que tiveram as atividades produtivas, que cresceram e movem a economia catalana nos dias atuais. Dentre os quais, citamos as instalações da ferrovia, das rodovias e principalmente a BR-050, a agropecuária, o distrito industrial minero-químico, a instalação da montadora *Mitsubishi* e a potencialidade da usina hidrelétrica.

Constatou-se, através do *urbano dividido*, definido pelo IPEA (2010/2011), a segregação e a fragmentação analisada por Corrêa (1993), que ocorrem na configuração urbana de Catalão, destacando as diferenças sociais características das quais o espaço da cidade reorganiza-se, e as formas dinamizadas por essas

mudanças, traduzem essas novas relações existentes na sociedade. Nesse sentido, entenderam-se como as relações de produção estruturam-se no município e como ocorrem as relações sociais neste espaço, considerando suas peculiaridades. Essas relações entre o social e o produtivo, na busca pelo equilíbrio dentro do urbano dividido, são citadas por Braga e Carvalho (2004):

O direito à cidade é muito mais do que o direito à moradia, é o direito a uma vida digna dentro de tudo aquilo que uma cidade pode proporcionar: escolas, postos de saúde, hospitais, praças, áreas verdes, água, esgoto, coleta de lixo, enfim, todos os equipamentos sociais e infra-estrutura que possam tornar a vida urbana saudável e segura. (BRAGA e CARVALHO, 2004, p. 16)

E, definindo um olhar crítico sobre o espaço urbano, os autores ainda comentam que, é necessário que se faça uma leitura geográfica da cidade enquanto construção humana e produto histórico e social, contexto no qual a cidade aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo de uma série de gerações, a partir da relação da sociedade com a natureza, pois, não basta somente olhar para a cidade em si, é preciso contextualizá-la regionalmente, saber qual o seu papel na rede de cidades, em suas diferentes escalas: local, regional, nacional e mundial.

5 REFERÊNCIAS

ANEXOS (1, 2 e 3): Portal Catalão. Disponível em: <www.portalcatalao.com.br> Acesso em 02/02/13.

BORGES, J. C. P. **Desterritorialização: a ótica cultural do processo de modernização da agricultura em Goiás.** X EREGEO SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA. ABORDAGENS GEOGRÁFICAS DO CERRADO: paisagens e diversidades. Catalão (GO), 06 a 09 de setembro de 2007. Campus Catalão – Universidade Federal de Goiás. 12 p.

BRAGA, R., CARVALHO, P. F. de. **CIDADE: ESPAÇO DA CIDADANIA.** Orgs: GIOMETTI, Analúcia B. R e BRAGA, Roberto. *Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação: Ensino de Geografia.* São Paulo: UNESP -PROPP, 2004 (páginas 105 a 120)

BUENO, E. de P. **CIDADE DE CATALÃO (GO): um espaço urbano em expansão e em mutação.** X EREGEO SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA. ABORDAGENS GEOGRÁFICAS DO CERRADO: paisagens e diversidades. Catalão (GO), 06 a 09 de setembro de 2007. Campus Catalão – Universidade Federal de Goiás. 16 p.

CAMPOS, M. D. **Catalão Estudo Histórico e Geográfico.** Bandeirantes, 1976. 164 p.

CHAUD, Miguel Jorge. Memorial do Catalão. Goiânia: Agepel, 2000. 180 p.

CIRIACO, L. **GOIÁS EM FOCO. Centenário da Estação Ferroviária de Catalão é neste domingo.** Disponível em: <www.goiasemfoco.com.br> Acesso em 26/02/13.

CIRIACO, L. **GOIÁS EM FOCO. Loteamentos Portal do Lago I e II são regulares, garante Samuel Belchior.** Disponível em: <www.goiasemfoco.com.br> Acesso em 26/02/13.

CORRÊA, R. L. **O que é o espaço urbano?** In: _____o espaço urbano. São Paulo: Ática, 1993. 94 p. p. 7-10

CUNHA E SILVA. **O Impulso à análise espacial a partir do trabalho de Fred Schaefer “Excepcionalismo em Geografia: um estudo metodológico” (1953): questões contextuais e teórico-metodológicas.** *Revista de Geografia.* Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 24, no 1, jan/abr. 2007. 17 p.

DEMOCH, E. **1810: das terras da Mão de Deus a Catalão** – Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2008. Catalão. 104 p.

FUNDAÇÃO Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Informações diversas. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> 2010. Acesso em: 23 de fev. 2013.

GOMEZ, L. P.; CHAUL, N. F.; BARBOSA; J. C.; **História política de Catalão.** Goiânia: UFG, 1994. (Coleção Documentos Goianos, n. 26). 288 p.

HARVEY, D. **ESPAÇOS URBANOS NA “ALDEIA GLOBAL”: REFLEXÕES SOBRE A CONDIÇÃO URBANA NOCAPITALISMO NO FINAL DO SÉCULO XXI.** Conferência proferida no Primeiro Congresso Pan-Americano de Arquitetura, Ouro Preto MG, 24 set. 1992. Publicada nos Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, - n.1, ago. 1994. Belo Horizonte. PUC-MG. 12 p.

IPEA. **ESTADO DAS CIDADES DO MUNDO: unindo o urbano dividido.** *Resumo e Principais Constatções.* UnoHabitat. 2010/ 2011.32 p.

LAMBERT, D. **Produção Familiar na agricultura brasileira: comunidades rurais no município de Catalão (GO).** X EREGEO SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA. ABORDAGENS GEOGRÁFICAS DO CERRADO: paisagens e diversidades. Catalão (GO), 06 a 09 de setembro de 2007. Campus Catalão – Universidade Federal de Goiás. 15 p.

LIMA, V. B. de. **Os caminhos da urbanização/mineração em Goiás: o estudo de Catalão (1970-2000).** Uberlândia: UFU, 2003. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2003. 126 p.

MATOS, P. F. de; PESSÔA, V. L. S. **Modernização agrícola no Sudeste Goiano: (re)estruturação do espaço agrário.**X EREGEO SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA. ABORDAGENS GEOGRÁFICAS DO CERRADO: paisagens e diversidades. Catalão (GO), 06 a 09 de setembro de 2007. Campus Catalão – Universidade Federal de Goiás. 10 p.

MARTINS, S. R. **Uma Leitura do processo de produção da cidade de Catalão (GO) à partir da construção de bairros residenciais (1970-2006).**X EREGEO SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA. ABORDAGENS GEOGRÁFICAS DO CERRADO: paisagens e diversidades. Catalão (GO), 06 a 09 de setembro de 2007. Campus Catalão – Universidade Federal de Goiás. 10 p.

MEDONÇA, M. R., PEDROSA, L. E. **Diagnóstico e monitoramento sócio-ambiental da cidade de Catalão e do entorno.** Catalão: UFG, 2005.

NETO, G. de M. JORNAL *O Popular*. **CATALÃO: o fenômeno do desenvolvimento econômico em Goiás.** 05 de fev. de 2013.2 p.

OLIVEIRA, A. da L. *Etal.* **DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE O CONCEITO DE REDEURBANA.** Geografia's, Feira de Santana, n. 1, p. 25 – 29, maio / nov. 2008. 25-29 p.

PALACIN, L. **História de Goiás.** 7. ed. Goiânia: Ed. Da UCG, Ed. Vieira, 2008.

PEDROSA, L. E. **A apropriação do relevo urbano e suas implicações sócio-ambientais: um estudo de caso em Catalão/GO.** Dissertação (Mestrado). Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001. 163 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CATALÃO. **Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável Urbano e Ambiental de Catalão,** 2002.

RAMOS, C. **Catalão de ontem e de hoje (curiosos fragmentos de nossa história)**. Catalão: Kalil, 1984. 110 p.

RIBEIRO, L. J. **Expansão urbana e derivações ambientais sobre o Ribeirão Pirapitinga em Catalão (GO)**. 2011. 202 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Catalão 2011.

SILVA, Ronaldo da. **A implantação da Mitsubishi em Catalão: estratégias políticas e territoriais da indústria automobilística nos anos 90**. 2002. 198 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Goiânia 2002.

ANEXO 2

www.goiasemfoco.com.br/centenario-da-estacao-ferroviaria-de-catalao-e-neste-domingo-,NTV,MZU.html

Goiás em Foco
COM.BR
A NOTÍCIA LEVADA A SÉRIO

SUPERMERCADO D'AECONOMIA

Home Institucional Canais de Notícias Fotos Vídeos Últimas Edições Contato

Notícias

22/02/2013 | Catalão

Centenário da Estação Ferroviária de Catalão é neste domingo



Um marco histórico. É o que se pode dizer da Estação Ferroviária de Catalão, no centro da cidade. No próximo domingo, comemora-se o centenário da ferrovia. São muitas as histórias de casamento e namoro nas imediações da estação. Um ponto turístico e cultural da nossa terra.

A estrada de ferro foi construída em 1913 e contribuiu com o desenvolvimento do município, incluindo o aumento na população de imigrantes nacionais e estrangeiros, sem contar a circulação de mercadorias e o transporte de passageiros de várias regiões do Brasil.

O atual prédio da antiga estação foi edificado em 1940, no estilo Art Déco. Tombado como Patrimônio Histórico Municipal pela Lei n.º 1.370 e pelo Decreto n.º 376 de 01/08/2001, foi transformado em Museu Histórico.

O museu carrega o nome de um dos poetas mais influentes de Catalão: Cornélio Ramos. Inaugurado pelo ex-prefeito Adib Elias em maio de 2003, o espaço guarda muitos objetos, documentos, fotos, livros, jornais, telas e revistas sobre fatos que marcaram a história do município. Grande parte do acervo foi doada pela comunidade.

Na semana do centenário, a Fundação Cultural Maria das Dores Campos preparou uma programação festiva, que inclui exposição de fotos e objetos na plataforma da estação, apresentação da Orquestra de Câmara e da FENOVA (Fundação Espírita Nova Vida), além de diversão para a criançada que lá comparecer.

[Voltar](#) [Topo](#)

Goiás em Foco
Catalão Goiás
Fones: (64) 8134 0150
contato@goiasemfoco.com.br

Expediente
Leandro Cliraco
Editor Responsável

Redes Sociais
[f](#) [Tube](#)

Anuncie aqui no
Goiás em Foco
e mostre a sua Empresa
Ligue: (64) 8134 0150

ANEXO 3

Artigo de opinião do Prof. Dr. José Henrique e Patrícia Souza, Técnica-Administrativa da UFG/Catalão

AS ENCHENTES DA RAULINA, O SETOR IPANEMA, CICLOVIAS E A NOVA GESTÃO SÓCIO-AMBIENTAL.

Quando completou cerca de trinta dias da Administração Municipal 2013-2016, o Excelentíssimo Secretário do Meio Ambiente (Dr. Marcelo Mendonça) afirma, de maneira qualificada, no Jornal Diário de Catalão, que "nossa gestão tem compromisso com a criação de quatro novos Parques Ambientais". Merecem parabéns as palavras dele e também do Excelentíssimo Prefeito Municipal de Catalão (Dr. Jardel Sebba) destacadas no eminente "Jornal Diário de Catalão" quando ele frisa, na página A2 do dia 20 de fevereiro último, que "foi um dos meus compromissos de campanha melhorar a qualidade de vida dos catalanos. E isto se faz promovendo o bem estar da população por meio da criação de áreas de lazer e entretenimento". Sobre isto, cabe aqui registrar que a cidade média de San Diego localizada no extremo sul da Califórnia, nos Estados Unidos, surpreende por reunir beleza e qualidade de vida para milhares de pessoas de todo o mundo que visitam os seus diversos Parques Sócio-Ambientais com destaque para o "Mission Bay Park", de arquitetura espanhola, que abriga Museus, Teatros, Lanchonetes, Jardim Botânico, Zoológico, Universidades, áreas para práticas de Esportes e Lazer, tudo interligado por ciclovias contornando e preservando belas áreas verdes.

Queremos aqui acrescentar, também, as palavras do Geógrafo Bellinky, coordenador do Instituto Vitae Civilis, quando ele frisa que "a Rio +20, Conferência Mundial Do Meio Ambiente realizada no Rio de Janeiro em Junho de 2012, de fato toca muito a questão urbana, enfatizando itens como o planejamento, o urbanismo, que têm a ver com o uso do solo, com as técnicas de construção sustentável. Existe, também, uma razoável atenção para as tecnologias e para as formas de ocupação urbana, de construção, de energia, que estão procurando mudar esse cenário de caos urbano, de exclusão social. Isso é fundamental não apenas em termos da questão urbana, mas em termos de participação popular, dos sistemas de governança em nível local, onde tanto as questões de impermeabilização do solo ou de ocupação de espaço, por exemplo, como as questões sociais, de habitação, imobiliária e de mobilidade devem ser atendidas. Nesse sentido, é fundamental trazer a governança para o plano local, para a cidade e, principalmente, para os bairros mais carentes".

Em Catalão, a qualificada construção coletiva e plural da cidade durante os últimos 50 anos tem o apoio de milhares de pessoas, de centenas de entidades e de alguns políticos progressistas. De fato, nossa terra parece ser abençoada por Deus em termos de riquezas materiais e de recursos humanos. Analisando o momento anterior a década de 1980, por exemplo, pode-se ressaltar a dedicação de alguns homens que lutaram muito para a criação da Santa Casa de Misericórdia de Catalão, dos Hospitais Nasr Faiad e São Nicolau, onde inúmeras vidas já foram e serão salvas. Merece também lembrar a construção e o desenvolvimento de três minerações que respondem e responderão pela criação de milhares de empregos para famílias de todo Sudeste Goiano. Entre tantos outros, daquele momento, os nossos parabéns para as famílias dos Senhores João Martins, João Farid Safatle, Lamartine P. Avelar, Silvio Paschoal e Jamil Sebba.

Por volta de 1980, Catalão possuía menos de 40 mil habitantes e o perímetro urbano da Cidade praticamente terminava antes do início da Mata do Setor Universitário, frisando que o hoje maior bairro de Catalão (Setor Ipanema) sequer existia, pois era o incipiente aeroporto ainda fora dos esquadros do mapeamento urbano. Logo após, de 1982 a 1988, o Excelentíssimo Prefeito Haley Margon traz os primeiros cursos superiores públicos federais regulares da UFG (Geografia e Letras), assim como cria o "Complexo Clube do Povo" com o planejamento feito inclusive para a implantação de uma ciclovia próxima ao verde exuberante daquele local. Posteriormente, num momento que Catalão ainda era uma cidade menos desenvolvida, durante o ano que acontece a Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente (1992) realizada pela primeira vez no Brasil (Rio de Janeiro), o Ex-prefeito Dr. Aguinaldo Mesquita ouvindo apelos de professores e alunos do Curso de Geografia da UFG/Catalão, do Clube Ecológico Chico Mendes, do IBAMA, de Maçonarias e diversos outros segmentos sociais, impede a destruição de um terço da Mata do Setor Universitário que tinha sido loteada.

Além disso, Dr. Aguinaldo, em função da exuberante riqueza da fauna-flora e por estudos de pesquisadores da Geografia da UFG/Catalão, promulga a "Lei Orgânica do Município" (Constituição Municipal) definindo aquela área como "Estação Ecológica de Catalão", permitindo manter vivo o sonho de que lá se tenha a definitiva instalação de um precioso Jardim Zoológico e um Parque Botânico para Catalão, obras estas ainda não efetivadas, nos últimos 20 anos, pelos gestores públicos de nossa desenvolvida cidade.

Em meados da década de 1990, o Ex. Prefeito Dr. José Moreira constrói a FUNBEM em frente ao “Lago do Clube do Povo”, local aquele que hoje abriga a sede da “Secretaria Municipal de Esportes e Lazer” com mais de 20 modalidades esportivas. Porém, se por um lado os avanços são muitos, por outro, há de se lembrar que até hoje não se tem uma linha de transporte coletivo sequer ligando os bairros mais pobres de Catalão até as portas daquela notável secretaria, a qual, também, ainda não possui um grande corpo profissional concursado, estável, fixo e com carreira funcional consolidada. Já na segunda metade da década de 1990, as gestões municipais dos Ex-Prefeitos Eurípedes Pereira e Maria Ângela conseguem a definitiva implantação da Mitsubishi por aqui, a qual responde nos dias atuais pela criação de mais de 4 mil empregos (diretos e indiretos) para famílias de toda porção sudeste do Estado de Goiás. Além disso, com os sucessivos crescimentos da Mitsubishi e de outras atividades de trabalho, as rendas da Prefeitura passam de cerca de 1,2 milhão de reais mensais em 2000 para uma estimativa de aproximadamente 18 milhões mensais, em média, no final do ano de 2013.

Na metade da última década, aproximadamente 238 entidades catalanas (Sindicato dos Professores Estaduais, Subsecretaria Estadual de Educação, ACIC/CDL, IBAMA, Maçonarias, Rotarys etc.), capitaneados por mais ou menos 30 professores do Campus da UFG de Catalão, conseguiram no Ministério da Educação e Cultura (MEC/Brasília-DF) a vinda de 13 novos cursos de Graduação e da posterior criação de 6 mestrados federais de boa qualidade, além da construção de vários prédios e da contratação de centenas de professores (Especialistas, Mestres, Doutores, Pós Doutores). Por tudo isso, a UFG/Catalão assiste um salto de 897 alunos em 2005 para os estimados 3.388 alunos para o início do ano letivo de 2013, alunos estes oriundos de 183 cidades diferentes do território nacional. Quanta riqueza material, intelectual, humanitária e planejadora de um mundo melhor num único lugar! ... Portanto, merece ressaltar como síntese científica que, nos últimos doze anos, a cidade de Catalão teve um crescimento das receitas municipais da ordem de 1500% para um aumento da população em torno de 48%. Porém, não obstante a riqueza crescente da cidade neste limiar do Terceiro Milênio, o tão sonhado Jardim Botânico e Zoológico idealizado para a “Mata do Setor Universitário” não sai do papel, assim como também não deixa o plano das boas intenções uma ciclovia de 12 quilômetros de extensão (ida e volta) que poderá circundar e proteger todas as nascentes do Pirapitinga localizadas em bairros mais distantes do centro da cidade como os Setores Ipanema, Santa Mônica, Novo Horizonte, Goianense, Aeroporto, Santa Luzia, Dona Sofia, São Lucas, entre outros.

Completando dez meses em que cientistas do mundo todo acabam de discutir na Conferência Mundial Rio +20 medidas ambientais de grande envergadura social, a rica cidade de Catalão, com seus quase cem mil habitantes, têm a oportunidade de ter um planejamento sócio-ambiental total e integrado que garanta uma ciclovia desde o trevo da BR-050 até o complexo do Clube do Povo, com uma ramificação partindo do Setor Novo Horizonte, bem de frente ao final do Setor Ipanema, hoje o maior bairro residencial de Catalão, bairro este que ainda não possui nem um metro de ciclovia em direção aos fundos do Condomínio Burtis e Chácara Paquetá até o centro da cidade. Frisa-se aqui também que, tristemente, o número de acidentes com caminhões, carro, ônibus, motos, bicicletas e pedestres – com perdas materiais, humanas e psicológicas irreparáveis – cresceram vertiginosamente nos últimos 13 anos ao longo de todo o trajeto dos cinco movimentados quilômetros da Avenida Dr. Lamartine Pinto Avelar ... Como dói na alma ver seres humanos daqueles setores supracitados envolvidos em inúmeros acidentes que, talvez, pudessem ser reduzidos, com a simples construção de uma bem planejada ciclovia ao longo de todas as nascentes do Pirapitinga, à montante da “Mata do Setor Universitário”.

Dentro deste caminhar científico, a destacada reflexão para o futuro das nascentes do Pirapitinga e para o atual planejamento sócio-ambiental intraurbano, nos leva a questionar se teremos mananciais com água pura e muito verde para as próximas gerações ou optaremos por áreas habitacionais/comerciais adensadas com cursos de águas poluídos, retilinizados, totalmente concretados, como o que foi feito ao longo da Avenida Raulina? ... Merece frisar ainda que, para além das questões da beleza e da prevenção de acidentes de trânsito, tal Ciclovia e Parque Sócio Ambiental Público, servirá ainda de estímulo para o exercício de atividades físicas, bem como para diminuir os níveis da poluição sonora, da poluição do ar possivelmente oriunda do setor industrial, assim como garantir – todas as nascentes do Pirapitinga, melhores protegidas, responderão por áreas de maior infiltração das águas pluviais que, na ausência de um caro e qualificado conjunto de obras de drenagem das águas pluviais de toda cidade, pode ocasionar – num futuro bem próximo – drásticas “enchentes de verão”. Aliás, como já existem cinco represamentos (lagos particulares?) de água à montante do “Complexo do Clube do Povo” e em função da gravidade iminente de enchentes, faz-se mister enfatizar o alerta de que se a maioria das áreas da porção leste-nordeste do atual perímetro urbano da cidade forem concretadas, com a respectiva ausência de cobertura vegetal, haverá menor infiltração de água no solo respondendo por maiores escoamentos e concentrações de águas, as quais chegarão com muita força e destruição ao longo de toda Avenida Raulina Paschoal, ocasionando abertura de crateras enormes, destruição de prédios, interdição de ruas e aumento ainda mais significativo dos acidentes de trânsito da cidade toda. Enfim, quanta qualidade de vida pode-se ter com esta obra aqui sugerida – ciclovia – e Parque Sócio-Ambiental Público das Nascentes do Pirapitinga com o não loteamento e não privatização de suas margens. Além do mais, permitirá mudar a ordem dos investimentos públicos à medida que áreas periféricas e pobres da cidade possam ter também “Complexos Poliesportivos” democratizados como o Lago do “Clube do Povo” e o Bosque “Parque Calixto Abrão” localizados dos dois lados do Setor de Mansões.

Sendo assim, com olhos voltados para o passado de muitas conquistas de nossa cidade que já é a sexta melhor para se viver em Goiás (conforme IDH-IFRJAN/2011) e com reflexões científicas planejadoras de um futuro ainda melhor, é que se reitera o pedido em prol da Construção do “Parque Sócio-Ambiental Público Integrado das Nascentes do Pirapitinga” com um Jardim Botânico, um Zoológico e uma ciclovia de 12 quilômetros de extensão – do último trevo da saída para Brasília e dos fundos do “Condomínio dos Buritis” até o Clube do Povo...Com certeza, quando completamente construído, o referido “Parque Sócio Ambiental Público Integrado” atrairá visitantes de toda a região assim como ocorre na cidade de San Diego (EUA).

A próspera e trabalhadora população catalana merece muito! ... Com quais forças e ações progressistas municipais podemos contar para esta que poderá se tornar a maior obra intraurbana da governabilidade local de todos os tempos? Que tal começarmos construindo, nos próximos 90 dias, um belo calçadão e uma importante ciclovia circundando toda a área do Clube do Sesi, da Ex-Sede do IBAMA e da Nascente do Pirapitinga localizada no Setor Novo Horizonte em frente ao final do Setor Ipanema, o maior bairro residencial de Catalão?

**José Henrique R. Stacciarini: Professor do Curso de Graduação e do Mestrado de Geografia da UFG/Catalão, Doutor em “Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental” pela UNESP com a tese “Pluralidade, Publicização e Multiplicação do Fazer Político”.*

***Patrícia Souza Rocha Marçal: Técnica-Administrativa da UFG/Catalão, Mestre em Geografia pela UFG com a Dissertação “O Clube do Povo de Catalão (GO) - 1984 à 2011: Histórias Contadas, Território Vividos”.*